



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL



DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL
SESSÃO CONJUNTA

ANO LVIII – Nº 07 – QUARTA-FEIRA, 18 DE JUNHO DE 2003 – BRASÍLIA-DF

MESA DO CONGRESSO NACIONAL

Presidente

Senador JOSÉ SARNEY – PMDB-AP

1º Vice-Presidente

Deputado INOCÊNCIO OLIVEIRA – PFL-PE

2º Vice-Presidente

Senador EDUARDO SIQUEIRA CAMPOS – PSDB-TO

1º Secretário

Deputado GEDDEL VIEIRA LIMA – PMDB-BA

2º Secretário

Senador ALBERTO SILVA – PMDB-PI

3º Secretário

Deputado NILTON CAPIXABA – PTB-RR

4º Secretário

Senador SÉRGIO ZAMBIASI – PTB-RS

CONGRESSO NACIONAL

SUMÁRIO

1 – ATA DA 7ª SESSÃO CONJUNTA (SOLENE), EM 17 DE JUNHO DE 2003

1.1 – ABERTURA

1.2 – FINALIDADE DA SESSÃO

Destinada a homenagear *in memoriam* o
Vice-Presidente da República Antônio Aureliano
Chaves de Mendonça..... 00684

1.2.1 – Oradores

Senador Eduardo Azeredo – Deputado
José Roberto Arruda – Senador Pedro Simon –
Deputado Marcello Siqueira – Senador Marco
Maciel – Deputado José Carlos Aleluia – Senador
Aelton Freitas – Deputado Mário Assad Júnior –

Deputado Patrus Ananias – Deputado Athos Ave-
lino – Deputado Rafael Guerra..... 00684

1.2.2 – Fala associativa da Presidência (Senador José Sarney)

1.3 – ENCERRAMENTO

2 – COMISSÃO MISTA DE PLANOS, ORÇAMENTOS PÚBLICOS E FISCALIZAÇÃO

3 – CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

4 – COMISSÃO PARLAMENTAR CONJUNTA DO MERCOSUL (Representação Brasileira)

5 – COMISSÃO MISTA DE CONTROLE DAS ATIVIDADES DE INTELIGÊNCIA (CCAI)

Ata da 7ª Sessão Conjunta (Solene) em 17 de junho de 2003

1ª Sessão Legislativa Ordinária da 52ª Legislatura

Presidência dos Srs. José Sarney e Inocêncio Oliveira

(Inicia-se a sessão às 11 horas e 13 minutos, no Plenário do Senado Federal.)

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira) – Declaro aberta a sessão solene destinada a homenagear *in memoriam* o Vice-Presidente da República Antônio Aureliano Chaves de Mendonça.

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira) – Convido para compor a Mesa o Dr. Antônio Aureliano Sanches de Mendonça, filho do nosso homenageado, a Sra. Maria Guiomar Sanches de Mendonça e a Sra. Maria Cecília Sanches de Mendonça.

Registro também a presença da nora do homenageado, Sra. Matilde Maria, esposa do Sr. Antônio Aureliano Sanches de Mendonça, e dos netos Mateus, Maria Júlia e Vivian.

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira) – Cedo a palavra ao Senador Eduardo Azeredo.

O SR. EDUARDO AZEREDO (PMDB – MG. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente, Srs. e Srs. Senadores, Sras. e Srs. Deputados, distintas autoridades presentes, familiares e amigos de nosso homenageado, minhas senhoras e meus senhores, Minas Gerais vem à tribuna desta Casa para cumprir com seu dever. Desta vez, o dever é o de homenagear, de relembrar, de recordar. Desta vez, vem para colocar no mais alto pedestal da galeria dos mineiros mais notáveis a figura, por todos admirada, do engenheiro, do professor e do político Antônio Aureliano Chaves de Mendonça. Por isso, Minas comparece assim a esta tribuna, com saudade e orgulho, para fazer justiça no seu velho estilo simples e acanhado. Vem relembrar a vida de mais um dos seus notáveis apóstolos da liberdade. Vem matar a saudade de seu passado, relembrando sua gloriosa história, nela focalizando, hoje, a figura do nosso inesquecível Dr. Aureliano Chaves.

Aureliano Chaves veio de um lar interiorano de Três Pontas, onde a família respirava as austeras e severas virtudes, cheias de civismo e religiosidade. Forjou seu caráter sob a vigilante inspiração paterna, apurada nos sábios conselhos de seu pai, o Prof.

José Vieira de Mendonça, e sob os descemos, cheios de ternura, de sua mãe, D. Luiza Chaves de Mendonça. A família é, não raro, a profecia do destino, como dizia o grande Afonso Arinos. E, por isso, ele não poderia deixar de ser o que foi. O sangue generoso dos Chaves e dos Mendonça garantiu-lhe ser um guardião das tradições mineiras, onde a insubordinação só aflorava nas horas em que, em sua vida, precisava impor sua obstinação democrática.

Precoce, deixa a sua cidade para estudar engenharia em Itajubá, onde, tenro de idade, não obstante maduro nos conhecimentos técnicos, é elevado à docência da Escola Federal de Engenharia de Itajubá. Professor jovem, cedo se inquieta com o grave momento político em que vivia Minas e o País. Com sua arguto inteligência e seu coração repleto de idealismo, sempre que podia, desviava as conversas técnicas do ambiente universitário para as proposições de soluções políticas para os problemas da sociedade. E, assim, o destino é o destino! Com todo o seu fascínio e mistério, ele se encarregou de lhe encurtar os caminhos do êxito. E logo, a rua, com seus pressentimentos solenes, cedo lhe adivinhou sua missão, oferecendo-lhe o seu primeiro mandato de Deputado Estadual.

O povo é sábio. Assim, apontavam-se-lhe os amplos caminhos de seu glorioso futuro. Na Assembléia mineira logo é conduzido, pelas mãos do Governador Magalhães Pinto, à liderança de seu governo. Os que com ele conviviam sentiam-lhe a franqueza, a coragem de dizer e o prazer de lutar, mesmo sozinho, por suas convicções e idéias. Sobressaiu-se entre seus pares, e logo foi escolhido pelo Governador mineiro para ocupar a Secretaria de Educação e Cultura. Educado no sentido do dever, o Prof. Aureliano Chaves sabia conciliar a lógica e o sonho. E, lá, encontrou o melhor celeiro para atuar, de forma filosófica e pragmática, em favor da educação da infância e adolescência mineiras estribada nos princípios de liberdade, esse supremo bem que Deus deu aos homens. Sonhador como todo idealista, Aureliano foi, como Secretário de Educação, não obstante, um exe-

cutivo realista e objetivo, que tinha os pés no chão. Valorizou os professores mineiros, ao implantar um moderno sistema de educação no Estado.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Senadores, distintas autoridades, minhas senhoras e meus senhores, vira-se esta página de sua história e, logo na outra, é reconfirmado pela voz das urnas e conduzido, sobretudo pelo carinho dos eleitores sul-mineiros, à Câmara dos Deputados, onde, logo ao chegar, estréia com êxito e é escolhido, por seus pares, para presidir a Comissão de Minas e Energia daquela Casa Legislativa. Viveu grandes momentos na Câmara, em época agitada e difícil da vida política do nosso País, que começava a mergulhar nos subterrâneos do regime militar.

Na Comissão de Minas e Energia da Câmara, Aureliano alerta o Governo sobre a iminência de um possível *blecaute* de energia, se não fossem tomadas sérias medidas de contenção e correção do sistema elétrico nacional. Impressionado, na época, o Presidente Médicis com os conhecimentos técnicos daquele Deputado e engenheiro mineiro, foi tudo quanto bastou para sugerir seu nome para governar Minas Gerais ao Presidente que se lhe sucedeu, o General Ernesto Geizal. Ao convite, o Dr. Aureliano não hesita um segundo em aceitar. Queria, por certo, prestar serviços a Minas em Minas. Por certo, também, já sentia a vida pública uma longa provação. Feita de renúncias, em seu compromisso havia um pouco de magistratura e de apostolado. A prestação do serviço público tem, por preço, o devotamento em tempo integral. A posição política é o desdobramento lógico de uma obrigação moral, cuja servidão está no povo que eleger e confia.

Seu governo em Minas Gerais viveu seus dias às claras, ao oxigênio do ar, à luz do sol, transparente. Foi um governo austero como seu chefe. Um governo que proclamou como de sua honra e defendeu, como de seu dever, o direito reconhecido a seus eventuais adversários de divergir, de se opor, de duvidar, de cobrar. Trago impresso em minha memória o estilo de seu governo: um governo cujo primado da ação política não estava no discurso, mas na conversa. A “conversa ao pé do ouvido”, no bom estilo mineiro, era havida como o grande instrumento para dirimir situações ou “maneira” soluções. Era um homem do diálogo, acessível ao debate e permeável às sugestões. Improvisava com desembaraço. Em seus discursos, ainda lhe escuto as palavras ditas em tom grave, feitas com clareza e método, tocadas de elegância e eloquência. Dizia: “*Governar é um ato solidário, e*

nunca um ato solitário”. “*Governar é ter imaginação*.” Mas sua vida foi o melhor de seus discursos.

Governador, Aureliano Chaves empreendeu austera administração, apoiada no planejamento e voltada ao desenvolvimento industrial. Promoveu uma verdadeira revolução contra a rotina. Austeridade virou tese em Minas.

Impossível é discorrer sobre as grandes obras que assinalaram seu governo, tantas para este tempo tão exíguo. Mas é mister dizer: homem de espírito, Aureliano montou seu secretariado com figuras ilustres, composto, de um lado, por políticos respeitados e requisitados em toda Minas Gerais, e, de outro, por técnicos competentes e renomados.

Aprendi, nesse período de sua vida, a respeitá-lo muito. E era essa a atitude que meu pai, Deputado Renato Azeredo, exercendo a oposição no antigo PMDB, ensinava a todos nós. Data daí a minha admiração por ele, que os anos não fizeram senão aumentar. Sua família, fonte perene da qual sorvia amor e compreensão, era onde o Dr. Aureliano achava a paz e buscava a energia de que precisava para renovar-se para os constantes embates de sua vida atribulada. Com sua esposa inseparável, D. Vivi, e com seus filhos Antônio Aureliano, Maria Guiomar e Maria Cecília. De mim, só posso dizer que dele guardo a recordação de um homem extremamente arguto, polido, objetivo, e às vezes quase paternal. Hei de trazê-lo sempre em meu coração e em minha memória e guardá-lo, orgulhoso de ter sido seu amigo.

Deu tudo de si a Minas Gerais, sem nada lhe pedir em troca. A verdade é que não há esforço inútil, trabalho sem recompensa. Às vezes, os resultados são remotos, mas não falham porque nada se perde, tudo se transforma, na natureza e na vida. Naqueles idos, Aureliano era a própria “consciência mineira”. Por isso e sobretudo graças a isso, foi o escolhido para ocupar a Vice-Presidência da República no Governo João Figueiredo. Convidado, aceitou. Sabia, por certo, que os frutos a colher de sua decisão eram a precipitação do retorno das franquias democráticas, da reabilitação dos instrumentos constitucionais, enfim, da volta ao Estado pleno de Direito da Nação brasileira. Retornou, assim, a Brasília, como líder civil inserido no Poder Central. Levou na bagagem o ideal de liberdade, muito seu, e que é imortal na memória dos grandes mineiros. Seus sonhos de juventude que nunca morreram também o acompanharam para a nova jornada.

Vira-se outra página de sua história.

Felizmente, para a Pátria, o cenário político brasileiro readquiriu nova dimensão com sua presença. A

política respirou aliviada uma esperança democrática. O poder civil tinha agora o seu líder, o líder do poder desarmado, como diria Gustavo Capanem. Na sociedade brasileira, sua presença dentro do Poder Central provocou novo alento, nova esperança. A esperança que veio pela presença de um liberal junto aos que repudiavam a liberdade e de um democrata junto aos que negavam a democracia. Aureliano transforma-se em homem-exceção dentro de um regime de exceção. Com seus elevados padrões de civismo, compostura e nobreza, ninguém lhe excedeu nas articulações, do começo ao fim do seu mandato, para o pronto retorno do País ao Estado de Direito. O que é certo é que os episódios que marcaram essa época mostraram um Aureliano que jamais se curvou e que sempre contribuía, repito, aberta ou veladamente, para acelerar o retorno democrático pleno em nosso País. Apoiou Tancredo Neves, candidato da Oposição ao Governo Federal na eleição indireta, por entender que Tancredo significava, naquele momento, o estuário da conciliação do Brasil.

Assim, a revolução passou como passam os temporais. A revolução foi o vento. O Brasil é a eternidade. E, hoje, o singular silêncio deste Plenário permite ao Congresso Nacional lembrar-se da recente história da Pátria e colocar a figura de Aureliano Chaves na perspectiva correta de sua patriótica atuação.

Ainda foi, logo após o restabelecimento da plenitude democrática no Brasil, no Governo do Presidente desta Casa, José Sarney, Ministro das Minas e Energia. Com igual entusiasmo e desempenho, exerceu suas funções com todos os atributos que eram seus. Somou-se a tantos outros políticos que deram o seu esforço ao primeiro Governo civil pós-regime militar, o Governo da transição democrática sonhada por Tancredo, o Governo do Presidente Sarney.

Tive por Aureliano Chaves forte admiração e respeito permanente. Procurei-o no início das articulações da minha candidatura ao Governo do Estado de Minas Gerais e dele recebi conselhos fundamentais de paciência, persistência e entusiasmo. Eleito Governador, conheci de perto as marcas indelévels do seu trabalho, que tantas raízes lá deixou. Nos momentos de dificuldades, lá estava Aureliano a me dar o seu apoio. Tive a honra de ter ao meu lado, num trabalho dedicado, o seu filho, Deputado Antônio Aureliano, meu amigo Antônio Aureliano, como Secretário de Transportes e Obras Públicas de Minas, a quem homenageio, neste momento, como legítimo herdeiro das melhores e grandes qualidades de Aureliano Chaves.

Um pouco antes de sua morte, tivemos o último e derradeiro encontro, quando Aureliano lembrou das

passagens históricas de sua vida e se emocionou muito ao lembrar-se de sua inseparável D. Vivi, que com ele formava um casal que soube educar os filhos tão bem e que soube dar um exemplo permanente de amor, companheirismo e solidariedade cristã. Foi ao redor de uma mesa de café, típica da tradição mineira. O seu exemplo será sempre uma lembrança a ser seguida.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Congressistas, senhoras e senhores presentes, Minas comparece hoje a esta tribuna para prestar esta homenagem ao engenheiro, ao professor, a esse grande estadista mineiro, Aureliano Chaves. Vem colocá-lo no mesmo pedestal da galeria onde se encontram os mineiros de seu porte.

E trago para a homenagem a esses apóstolos da liberdade palavras do grande escritor francês Victor Hugo, cujo sentido ilustra e nivela as vidas desses mineiros fazedores da história:

“Os teimosos são os sublimes. O obstinado, na verdade, tem a grandeza. Quase todo o segredo dos grandes corações está nesta palavra: perseverança. A perseverança está para a coragem como a roda para a alavanca: é a renovação perpétua do ponto de apoio”.

O Dr. Aureliano deixou-nos muito de sua vida e muita coisa de seu destino. Perseverando cotidianamente, vencendo ou perdendo, fez da política uma alavanca para o bem-estar da sociedade, à qual serviu com o desvelo de um lapidário. Ao trazer, em nome de Minas, esta homenagem, experimento forte emoção. Sinto meu coração de homem de sensibilidade palpar por aqueles motivos que humanizam a vida e divinizam as formas mais altivas da amizade. Comovo-me, assim, ao elevar-me do alto desta tribuna para trazer a palavra de meu Estado e oferecê-la a esse mineiro que se devotou ao serviço da Pátria como um obstinado por sua grandeza.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Parlamentares, distintas autoridades, minhas senhoras e meus senhores, temos hoje a Constituição, a liberdade, o Estado de Direito, a democracia. Tudo como conquistas definitivas, tangíveis, impreteríveis e impostergáveis, conquistas destinadas a varar os anos e vencer o tempo. Para chegarmos a elas, em muito contribuiu o três-pontano, o mineiro, o brasileiro Antônio Aureliano Chaves de Mendonça.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira) – A Presidência convida a Sra. Maria Cecília Sanches de Mendonça para tomar assento à mesa.

Com muita honra, esta Presidência registra a presença do Secretário de Estado de Governo de Minas Gerais, Danilo de Castro, aqui representando o Governador Aécio Neves; do Secretário Henrique Hargreaves, aqui representando o ex-Governador de Minas Gerais e ex-Presidente da República Itamar Franco; do ex-Governador de Minas Gerais Francélino Pereira; do ex-Governador da Bahia Lomanto Júnior; do Ministro do Superior Tribunal Militar Flavio Bierrenbach.

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira) – Com a palavra o nobre Deputado José Roberto Arruda, do PFL do Distrito Federal, que falará em nome da Câmara dos Deputados.

O SR. JOSÉ ROBERTO ARRUDA (PFL – DF. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sras. e Srs. Senadores, Sras. e Srs. Deputados, autoridades presentes, meus caros amigos Antônio Aureliano, Matilde, Maria Guiomar, Maria Cecília e filhos, que aqui representam a família do eterno Prof. Antônio Aureliano Chaves de Mendonça, meus cumprimentos.

Inicialmente, peço licença ao Deputado Inocêncio Oliveira, que preside esta sessão solene, e aos Senadores e Deputados presentes para fazer uma explicação de caráter pessoal.

Tinha a convicção de que só compareceria a este plenário do Senado Federal se a vida pública me guiasse para cá, mas aqui estou por motivo muito nobre.

Nós, Deputados mineiros – eleitos por Minas Gerais ou escolhidos pelo povo de outros Estados; no meu caso, do Distrito Federal –, tomamos a iniciativa de homenagear o Dr. Aureliano Chaves na Câmara dos Deputados em sessão solene. O Senador Eduardo Azeredo teve a mesma idéia no Senado Federal. Então, resolvemos fazer uma sessão conjunta. O Senador Eduardo Azeredo, sempre muito gentil, fez-me ver que meus sentimentos pessoais eram absolutamente irrelevantes ante a importância desta homenagem que deve ser feita pelo Congresso Nacional.

Aqui não estou na condição de Deputado Federal, mas de conterrâneo e ex-aluno do Prof. Antônio Aureliano Chaves de Mendonça. Esta é a razão de minha presença nesta tribuna.

Início com uma frase que o Dr. Aureliano gostava de repetir quando era professor de Máquinas Elétricas e de Topografia. Dizia ele que *“tanto na enge-*

nharia quanto na vida, quem não tem linha de ré não tem ponto futuro”. Tomem emprestada essa frase para sentir como é difícil compreender a importância de Aureliano Chaves. Era um homem fora de moda, um político fora de moda e morreu fora de moda. Se não entendermos sua “linha de ré”, de onde vem e como construiu sua vida pública, não saberemos o quanto foi importante para o País.

Peço-lhes licença para contar uma breve história. Há quase 100 anos, ainda jovem, o advogado Teodomiro Carneiro Santiago resolveu vender grande parte dos bens da família e, num gesto de ousadia, tomou um navio e foi para a Europa.

Voltou quase dois anos depois. Trouxe com ele um laboratório de máquinas elétricas e de hidráulica e seis professores belgas e alemães. Resolveu, com seu próprio dinheiro e idealismo, construir em Itajubá, pequena cidade do sul de Minas Gerais – cujo Prefeito, a quem saúdo, está presente nesta sessão –, uma escola técnica: o Instituto Eletrotécnico de Itajubá.

Na época, sua atitude foi considerada altamente revolucionária. Não se passavam muitos anos da descoberta de Thomas Edison, e um mineiro do outro lado da Mantiqueira resolveu pegar um navio, ir à Europa e de lá voltar cheio de idealismo.

Disse, lá naquela cidadezinha – isso, repito, há 100 anos – que se o País queria se transformar, fazer sua revolução industrial, precisava da energia, que o fantástico potencial hídrico do Brasil precisava ser aproveitado e que a Europa já estava fazendo com que a água girasse uma turbina e gerasse eletricidade.

A criação daquela escola foi extremamente importante; tanto que, no dia 23 de novembro de 1913, o próprio Presidente da República, Hermes da Fonseca, tomou um trem na Capital do País e foi a Itajubá para a inauguração. Entre as várias autoridades presentes, estava Paulo de Frontein, então Reitor da Universidade do Rio de Janeiro. A solenidade de inauguração se iniciou na porta da Reitoria da Escola de Engenharia.

Os primeiros professores da escola eram europeus. O orador da turma, revestido de muita franqueza, disse em seu discurso que aquela escola seria diferente da que existia no Rio de Janeiro. Não ficaria apenas na teoria; ensinaria Engenharia prática, pois contava com um laboratório. Ali estava sendo construída a primeira pequena central de hidroeletricidade. Na opinião desse aluno, naquela escola seriam formados os engenheiros que criariam no País as usinas hidroelétricas.

Terminado o discurso do jovem aluno, Paulo de Frontein, sentindo-se atingido, pediu a palavra e o compreendeu fortemente. Em seguida, falou Teodomiro Carneiro Santiago, que, um ponto acima de Paulo de Frontein, deu razão ao aluno. Disse que foi isso que o fez pegar os bens da sua família, ir à Europa e trazer aqueles professores e aquelas máquinas, porque o ensino da Engenharia no Brasil estava errado, era teórico demais. Era preciso, então, uma escola que formasse engenheiros práticos.

Aquela cerimônia não terminou bem. O Presidente Hermes da Fonseca, que pernoitaria em Itajubá, resolveu mudar de plano. A cerimônia foi encerrada rapidamente, e o cortejo presidencial voltou ao Rio de Janeiro. O Vice-Presidente da República, Venceslau Brás, que provavelmente foi quem apaziguou os dois lados, permaneceu em Itajubá – e isso tanto é verdade que, em 1914, ele foi candidato à Presidência da República.

A Escola de Engenharia começou a funcionar no início do século. Por lá passaram, durante mais de 90 anos, muitos alunos que construíram a história da Engenharia brasileira. Eis alguns: Luiz Verano, ex-Prefeito de Belo Horizonte; Deputado Federal Patrus Ananias, ex-Prefeito, aqui presente; Senador Alberto Silva, que construiu sua carreira de engenheiro no Piauí; Benjamin Mário Batista, da CSN; Licínio Seabra, um dos fundadores da Cemig e de Furnas; Luiz Moreira Barbirato, Presidente da Ecelsa; Kerman Machado, do Mato Grosso do Sul, um dos fundadores da Eletronorte; Túlio Cordeiro de Melo, Presidente da LIGHT; José Conduru, da Celpa e da Cemig; César Abaurre, colega de turma de Aureliano e Presidente da Ecelsa aqui presente; José Marcondes Brito, Diretor da Eletrobrás, no tempo em que o Senador Antonio Carlos Magalhães a presidia; Aloísio Carvalho, um dos fundadores da Companhia de Eletricidade de Brasília; Paulo Victor Rada, uma das grandes inteligências de toda história da escola; José Geraldo Maciel, outra referência; Joel Mendes Rennó, que presidiu a Petrobras; Luiz Fernando Verdine, da Celesc; Carlos Roberto Gallo; Luís Laércio Machado, que presidiu Furnas; José Carlos Cascaes; Ricardo Pinto Pinheiro, Presidente da Eletronorte e que está hoje no Banco Mundial; Manuel Zaroni, da Gerasul; Dimas Fabiano, de Furnas; Adilson Primo, atual Presidente da Siemens no Brasil; Afonso Henriques, que foi da Aneel; Ivo Brasil, da ANA; Luiz Augusto Horta, da Agência Nacional de Petróleo; Luiz Alberto Garcia; enfim, são inúmeros os ilustres ex-alunos que não apenas se formaram naquela escola criada por Teodomiro Carneiro Santiago, como dele herdaram a

franqueza, o idealismo e o patriotismo, exatamente as mesmas marcas que edificaram a personalidade pública de Aureliano Chaves.

Foi assim que lá pelos anos 40 chegou a Itajubá o jovem de família pobre, lá da cidade de Três Pontas, Aureliano Chaves, para estudar – detalhe importante – e, como não possuía recursos para morar no centro da cidade com outros alunos, foi morar inicialmente em uma república de ferroviários, ao lado da estação de trem, da qual meu pai, à época, era o guarda. Depois que passou no vestibular, conseguiu emprego de topógrafo na Prefeitura, com a ajuda do Prof. Pedro Mendes. Com o dinheiro desse emprego, comprava os livros de que necessitava.

Formado em Engenharia, foi dar aula na Escola de Engenharia e se tornou engenheiro da Prefeitura. Depois elegeu-se Deputado Estadual e participou da primeira diretoria da Eletrobrás, junto com Paulo Richer, no início dos anos 60. Deputado Estadual mais uma vez, foi Secretário de Educação e Secretário de Obras Públicas do Estado de Minas Gerais. Elegeu-se Deputado Federal duas vezes, e, aí, presidindo a Comissão de Minas e Energia, o Dr. Aureliano, fora de moda, resolveu, no início dos anos 70, no auge da indústria automobilística, dos carros de 8 cilindros, do gasto com o petróleo, advertir o Brasil para a possibilidade de uma crise energética sem precedentes.

Alguns anos depois, em 1973, veio a crise do petróleo. Mais tarde, no Governo de Minas, fez uma obra tão notável quanto discreta – como ressaltou o Senador e ex-Governador Eduardo Azeredo: a construção da Açominas. Trouxe para o Estado a Helibras e a Fiat e industrializou o Estado de forma violenta, tanto que os manufaturados mineiros, que eram 21,5% do PIB no início do seu Governo, já significavam 35% no final do seu Governo. Depois, foi Vice-Presidente da República e exerceu a Presidência da República interinamente em momento crítico.

Politicamente, mais uma vez fora de moda – na companhia do Presidente José Sarney, que neste momento assume a presidência dos trabalhos desta sessão; do Senador Marco Maciel, aqui presente; do Senador Jorge Bornhausen, do Senador Antonio Carlos Magalhães e de tantos outros brasileiros –, resolveu criar a Frente Liberal, que foi fundamental para a pacífica transição democrática na História do Brasil, como bem sabe o Governador Francelino Pereira, porque disso também participou.

Depois, teve papel fundamental, como um dos líderes da Frente Liberal, na consolidação da Aliança

Democrática, que elegeu Tancredo Neves, e, junto com ele, todo um ideal de redemocratização da vida brasileira.

O Dr. Aureliano foi Ministro de Minas e Energia durante todo o Governo do Presidente José Sarney. E, nessa quadra, tive a honra de trabalhar diretamente com ele no Ministério, ao iniciar minha vida pública.

Em toda essa trajetória, o Dr. Aureliano Chaves de Mendonça construiu uma vida pública fora de moda, porque sempre fugiu dos modismos e sempre preferiu a franqueza. Ele foi cartesiano a vida toda, embora nunca tenha deixado que seu lado humano e cordial não prevalecesse.

Meu caro Antônio Aureliano, você herdou de seu pai, como numa obra de engenharia genética e empírica, não só a data do aniversário, 13 de janeiro, como toda a formação moral e a aparência física. A única herança que você não tem é aquele cumprimento sério: *“Como vai, meu caro?”*.

Aureliano Chaves, durante toda a sua trajetória, disse coisas que relembro agora.

Alguns de seus discursos me chamaram muito a atenção. Destaco algumas de suas frases: “Neste mundo complexo, quem sabe muito ainda sabe pouco”; “Não é possível um país onde uns morrem de fome e outros de indigestão”; sobre a rolagem de dívidas: “Quem rola papéis acaba se enrolando nos papéis”; “O Brasil foi feito grande por obra de Deus, e não pode ser feito pequeno por obra dos homens”; “Desgraçadas as nações que confiam apenas na eficiência eventual dos que governam, os governantes passam e a nação fica”. Sobre reeleição, ele foi taxativo: “É melhor ter saudade dos bons governos do que enjoar dos maus”. Quanto aos boatos na política, dizia: “O Brasil dos fatos é melhor que o dos boatos”. Em relação ao patriotismo: “patriotismo não é privilégio de ninguém”. E, por último, sobre esperteza: “Não existe substituto para a eficiência e para o trabalho, e a História não registra nação alguma que se tenha firmado pela via da esperteza”. Às vezes, em rodas mais íntimas, traduzia isso num bom linguajar caipira dizendo: “A esperteza quando é muita, vira bicho e come o dono”.

Esse era o Prof. Antônio Aureliano Chaves de Mendonça.

Hoje o Congresso Nacional se reúne para homenagear um homem público fora de moda, que exerceu os cargos políticos mais importantes do País e morreu na humildade.

No momento mais difícil da minha vida, logo depois que deixei esta Casa, foi um dos primeiros a me

telefonar. Ele diretamente, porque desconfio que não tinha secretária. Morreu sem secretária, sem motorista, em seu humilde apartamento de Belo Horizonte, cuidando, às vezes, dos seus pezinhos de café em Três Pontas.

Logo que recebi a notícia de sua morte, fui com o Deputado Pimenta da Veiga a Três Pontas. Encontramos lá, Toninho, toda a sua família, e pude perceber algo muito importante: o carinho e o amor das pessoas humildes para com o Dr. Aureliano. Fomos depois para Itajubá.

Confesso a minha emoção, ao ver aquele cortejo deixar a igreja que ele e D. Vivi tanto frequentaram, passar na porta da Escola de Engenharia, onde Teodomiro Santiago iniciou essa estirpe de homens honrados, dignos e trabalhadores, que Aureliano de alguma forma simboliza e traduz. E, depois, passar pela Praça Teodomiro Carneiro Santiago, a principal da cidade. Ao lado, fica o café, onde ele às vezes brigava fisicamente, quando necessário. A coragem do Prof. Aureliano era física. Depois, o cortejo fúnebre subiu pela rua do fórum antigo, onde hoje é a Prefeitura.

Uma cena me marcou muito: em frente à República Pé-de-Anjo, velhos amigos que lá moraram ali estavam para prestar sua última homenagem ao Dr. Aureliano. E aí, afinal, quando caía a noite, o Dr. Aureliano foi sepultado.

Lembrei-me de antológica passagem no Congresso Nacional, quando o Dr. Tancredo fez uma homenagem à memória de Juscelino Kubitschek. Com seu português clássico, traduzindo André Moreau, ele nos contou um episódio ocorrido na homenagem fúnebre ao General Charles de Gaulle. Disse Tancredo que, no último momento, chegou uma mulher humilde, com uma rosa para depositar no túmulo do grande General. Quando a segurança a impediu de entrar, André Moreau disse aos guardas: *“Deixe-a entrar. Ela é a França”*.

Toninho, emocionou-me o fato de estarmos ali espremidos naquele momento, junto com as pessoas humildes, de chinelo de dedo, de lenço na cabeça, que queriam tocá-lo pela última vez, queriam dele se despedir.

Minha última despedida, Presidente José Sarney, eu trago por escrito. De tudo que li do Prof. Aureliano nos últimos tempos, acho que essa é a homenagem que deve ficar não ao político, ao Presidente, ao Governador ou ao Deputado, mas ao professor, como ele gostava de ser chamado.

No dia 30 de agosto de 1968 – hoje é fácil para nós, mais jovens, dizer como se operou a transição –, quando ocorreu a invasão da UnB, o Deputado Aureliano Chaves, que apoiava o Governo, foi à tribuna e pronunciou as seguintes palavras, com as quais termino meu pronunciamento:

“Sr. Presidente, Srs. Deputados, tenho procurado estruturar a minha modesta vida pública dentro de normas disciplinares, porque entendo que toda comunidade, inclusive a política, só se organiza, só subsiste com um mínimo de disciplina. Há momentos, entretanto, Sr. Presidente, em que o divisor de água entre posições políticas perde altitude. É o momento em que o transitório se choca com o permanente. Tenho dito, repetidas vezes, e não me cansarei de o fazer, que a minha vida pública é um efêmero acidente em minha vida profissional. Engenheiro e professor, esta tem sido a minha vida, esta há de continuar a ser a minha vida.

É muito mais na qualidade de professor e menos na qualidade de político, Sr. Presidente, que desejo, neste instante, manifestar, de maneira veemente e incisiva, o meu protesto contra a violência e a brutalidade que se praticaram na Universidade Federal de Brasília. Esta violência, Sr. Presidente, tanto mais se torna abominável, na medida em que ela era desnecessária. Este me parece o aspecto fundamental do problema. Não é possível que, diante de acontecimentos desta natureza, com tal repercussão, nos percamos no exame do seu casuísmo, da sua juridicidade ou da sua legalidade. O que se tem de analisar é a inoportunidade do ato, com as graves consequências que dele advieram”.

Este era o corajoso, o humilde, o franco, o austero discípulo de Teodomiro Carneiro Santiago, Prof. Antônio Aureliano Chaves de Mendonça.

Durante o discurso do Sr. José Roberto Arruda, o Sr. Inocêncio Oliveira, 1º Vice-Presidente da Câmara dos Deputados, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. José Sarney, Presidente do Congresso Nacional.

O SR. PRESIDENTE (José Sarney) – Antes de conceder a palavra ao próximo orador, Senador Pedro Simon, peço a todos os oradores que respeitem o tempo

regimental, de modo a que os 10 inscritos tenham oportunidade de prestar homenagem à memória de Aureliano Chaves. Esse é o desejo de toda a Casa.

O SR. PRESIDENTE (José Sarney) – Concedo a palavra ao Sr. Senador Pedro Simon.

O SR. PEDRO SIMON (PMDB – RS. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr. Deputado Inocêncio Oliveira, Dr. Antônio Aureliano Sanches de Mendonça, Sra. Maria Guiomar Sanches de Mendonça, Sr. José César da Fonseca, Sra. Ilza Salgado da Fonseca, Sra. Matilde, Sra. Maria Cecília, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Senadores, aqui estamos reunidos para saudar a memória de um ilustre brasileiro. O mineiro Aureliano Chaves foi um líder político que teve papel preponderante na transição democrática. Homem ligado ao regime desde o seu início, teve a coragem de mudar no momento em que a sociedade brasileira exigia a volta à normalidade.

Tenho dito e repetido que as nossas referências políticas e morais, pouco a pouco, vão se reduzindo. Ainda há alguns anos, tínhamos Ulysses Guimarães, Tancredo Neves, Teotônio Vilela e Mário Covas. Mais recentemente, contávamos com Josaphat Marinho, Raymundo Faoro, Evandro Lins e Silva e Aureliano Chaves. Eram homens que nos apontavam a direção correta nos momentos tormentosos. Mas eles se foram e o Brasil continua, tendo diante de si inúmeros desafios.

Aureliano Chaves era um homem de posições firmes. Não tergiversava. Expunha suas idéias com clareza e decisão. Foi dos que apoiaram a Revolução de 1964, porque julgou que aquele movimento viria para pôr um pouco de ordem no conturbado cenário político da época. Com o tempo, desiludiu-se. Creio que sua desilusão foi mais forte quando chegou ao poder, quando assumiu a Vice-Presidência da República.

Quando começamos a articular a Aliança Democrática, que levaria Tancredo Neves a vencer a eleição para a Presidência da República, Aureliano Chaves teve papel importante e decisivo no nosso movimento.

Na época, já Vice-Presidente da República, ele abria o Palácio do Jaburu – sua residência oficial – para as reuniões dos articuladores da Aliança Democrática. Dava-nos um respaldo político muito importante. Pelo PMDB, participavam dessas reuniões o nosso Presidente Ulysses Guimarães, Tancredo Neves e eu. Pela dissidência, participavam Aureliano Chaves e os Senadores José Sarney e Marco Maciel. Foi nessa ocasião que conheci a fundo Aureliano Chaves, pessoa que já admirava por suas posições firmes, que freqüentemente se chocavam com as determinações do regime.

O certo é que a Aliança Democrática, que possibilitou a vitória de Tancredo Neves no Colégio Eleito-

ral, foi o movimento que determinou o reencontro do Brasil com o Estado de Direito.

Se tivesse de alinhar aqui algumas qualidades desse grande político mineiro, eu destacaria a coerência e a honestidade. Coerência com a sua consciência democrática. Quando o regime que ele apoiou deixou de ser uma real alternativa para o Brasil, Aureliano Chaves teve a coragem de alterar sua posição. Aqueles eram anos duros, de forte debate ideológico. Por isso mesmo, sua mudança tem mais valor.

Aureliano Chaves era visto por alguns como um homem um tanto casmurro, genioso, ranzinza. Mas a verdade é que ele não se calava, nem por temor nem por comodismo. Expunha suas idéias com bastante coragem, numa época em que muita gente tentava esconder o que realmente pensava.

Aureliano Chaves foi um homem coerente. Na política, como se sabe, a coerência pode significar constrangimentos, dissabores, problemas e até fracassos. Mas ele não se intimidou, foi coerente ao longo de toda a sua atividade pública.

É importante saber que, embora sendo um udenista ligado ao Governador mineiro Magalhães Pinto – um dos principais líderes civis do golpe militar de 1964 –, Aureliano Chaves teve seu nome colocado nas muitas listas de “cassáveis” que corriam pelo País.

A extrema franqueza sempre foi a marca de Aureliano Chaves. No exercício de seu primeiro mandato na Câmara dos Deputados, em 1968, ele não obedeceu ao Governo Militar, que apoiava, no episódio que acabou levando à cassação do Deputado Márcio Moreira Alves, acusado de desrespeitar as Forças Armadas. Mas naquele episódio, que acabaria na edição do AI-5, Aureliano foi além. Não só votou contra a licença para processar o colega, como foi o orador na homenagem a Djalma Marinho, desligado da Comissão de Constituição e Justiça porque se negou a apoiar a punição de Márcio Moreira Alves.

Lembro-me de outro episódio significativo. Mesmo já estando eleito Vice-Presidente do general João Baptista Figueiredo, Aureliano Chaves foi o único líder governista a reconhecer publicamente que, na eleição de 1978, a ARENA havia sido derrotada pelo MDB. Naquele ano o nosso partido fez 20 milhões de votos e a agremiação política oficial, 12 milhões. Ele teve a coragem de fazer esse reconhecimento.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Parlamentares, Aureliano Chaves começou sua atividade política nos anos 50, no movimento estudantil da cidade de Itajubá, onde se graduaria em Engenharia Elétrica. Era filiado à União

Democrática Nacional, que contava com líderes como Milton Campos, Pedro Aleixo e Afonso Arinos.

Em 1958, disputou uma vaga na Assembléia Legislativa de Minas Gerais, ficando na suplência. Mesmo assim, assumiu o mandato algumas vezes, elegendo-se Deputado Estadual quatro anos depois. Em 1964, ocupava a Secretaria de Educação do Governador Magalhães Pinto, quando eclodiu o golpe militar de 1964.

Chegou ao cenário nacional em 1966, quando se elegeu Deputado Federal pela ARENA. Sua atuação nas Comissões Técnicas do Congresso foi destacada. Em 1974, foi indicado Governador de Minas Gerais. Governou aquele Estado de 1975 a 1978, quando assumiu a Vice-Presidência da República. Sua relação com o Presidente João Baptista Figueiredo foi muito tumultuada. Sempre que Aureliano assumia interinamente o Governo, havia crises entre eles.

Lembro ainda que, em 1984, como Presidente interino, Aureliano Chaves recebeu no Palácio do Planalto dois dos maiores líderes da Oposição – o Dr. Ulysses Guimarães e o então Governador paulista Franco Montoro –, que se vinham recusando a negociar com o general Figueiredo, que conduzia o processo de abertura política. Com Ulysses e Montoro, Aureliano Chaves articulou proposta de emenda constitucional prevendo a realização de eleições diretas para Presidente em 1988. Aureliano Chaves pretendia ser candidato à Presidência, mas não conseguiu unir o PDS em torno de seu nome. Como foi derrotado por Paulo Maluf, reuniu-se a um grupo dissidente do Governo, comandado por José Sarney e Marco Maciel, para formar a Frente Liberal.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Parlamentares, costume dizer que é muito difícil destacar-se na vida política. São poucos os homens que reúnem aquele elenco de qualidades que fazem de um cidadão um líder político importante. Mas também sempre digo que é extremamente difícil destacar-se como político em Minas Gerais, porque, sem dúvida, aquele Estado sempre foi, desde os primórdios da Nação, um celeiro de íntegros e habilidosos homens públicos.

No dia seguinte à morte de Aureliano Chaves, li nos jornais muitos depoimentos de pessoas de diferentes posições políticas que fizeram o elogio unânime do ex-Vice-Presidente da República. Todas deram uma boa idéia do que ele representou para o País nos anos em que atuou politicamente. Com este breve pronunciamento, uno-me a eles. É

importante homenagearmos um homem da grandeza e da integridade de Aureliano Chaves num momento como este, em que a vida pública brasileira vive uma etapa difícil, com a eclosão freqüente de denúncias, de escândalos, todos envolvendo o mau uso de verbas públicas.

Tinha por Aureliano Chaves especial admiração. Posso dizer que me considerava seu amigo íntimo. Nossos telefonemas levavam de meia hora a 45 minutos, e ele, em todos os momentos, expunha suas idéias. Nas horas mais difíceis e mais dramáticas, reunia uma série de colegas e fazia questão de expor seu pensamento, seu sentimento. Acho muito difícil encontrar, na vida brasileira, pessoas que tenham a grandeza e a firmeza de Aureliano Chaves.

Lembro-me, na época áurea da ditadura, de que ele, Governador de Minas Gerais, reuniu-se com os Governadores do Rio Grande do Sul e de São Paulo para influenciar na revolução pela abertura democrática. Esforçaram-se nesse sentido. Inclusive, estavam fazendo um modelo de Constituição buscando a abertura democrática.

Vejam a dignidade de Aureliano Chaves, a pureza de seus sentimentos, a grandeza do seu gesto! Nunca vi alguém tão desprovido de vaidade, tão franco, tão claro, tão preciso e tão correto. Nunca vi alguém tão firme nas suas decisões. Ele saía da luz, ia para casa, para a sombra, e permanecia o mesmo. O normal é procurarmos a luz e nela brilharmos. Ele, na sombra, talvez brilhasse mais.

Para Aureliano, o importante era ser fiel às suas idéias, ao seu pensamento, aos seus princípios e à sua vontade. O mais fantástico é que, mesmo quando já estava desligado da vida pública, periodicamente, em manifestação em jornais ou nos seus telefonemas, ele dizia: “Eu não sou mais político, vocês é que são. Mas, como cidadão, tenho obrigação de dizer que isso está errado; como está não pode continuar. É um absurdo! Temos de defender nosso País”.

Por isso tenho sempre repetido que Mário Covas, Tancredo Neves, Ulysses Guimarães, Teotônio Vilela e Aureliano Chaves são pessoas cujas palavras manifestadas na imprensa tinham crédito, impunham respeito, eram aceitas pelo povo brasileiro. Infelizmente, homens desse tipo estão desaparecendo. Aureliano tinha idéias, princípios, fundamento. O Brasil inteiro aceitava e respeitava suas análises.

Este foi Aureliano Chaves: um grande homem, um grande líder, um grande brasileiro, um grande cidadão, um grande patriota, um homem cujo nome é dignidade.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (José Sarney) – Com a palavra o Deputado Marcello Siqueira.

O SR. MARCELLO SIQUEIRA (PMDB – MG. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sras. e Srs. Parlamentares, Deputado Inocêncio Oliveira, familiares do nosso querido Governador Antônio Aureliano Chaves de Mendonça, autoridades presentes, senhoras e senhores.

Venho de uma região de Minas Gerais onde também se respira o sentimento de dor e de pesar pela morte de Antônio Aureliano Chaves de Mendonça: a Zona da Mata.

Minha cidade, Juiz de Fora, inaugurou sua Escola de Engenharia na mesma época em que Itajubá inaugurava a sua. Itajubá, com o curso de Engenharia Elétrica; Juiz de Fora, com os cursos de Engenharia Civil e Eletrotécnica. O Deputado José Roberto Arruda já citou a importância da criação da Escola Federal de Engenharia de Itajubá para aquela região, para Minas e para o Brasil. A minha cidade também teve a importante missão de formar em seu centro de ensino engenheiros que vieram alavancar o progresso desta Nação.

Antônio Aureliano foi Deputado Estadual, Deputado Federal, Secretário de Governo por mais de uma vez, Governador, Ministro de Estado e Vice-Presidente da República. Exerceu a Presidência da República por apenas 48 dias, mas teve atitudes marcantes: concedeu autonomia política para a cidade de Santos, que, como outras cidades portuárias ou fronteiriças ou como o próprio Distrito Federal, era impedida de eleger representantes para o Executivo local. Durante sua interinidade, Aureliano também se recusou a expulsar os padres franceses presos sob a acusação de incitar posseiros do Araguaia.

Mesmo sendo rico de preeminências históricas, o panteão político de meu Estado abriga em lugar de honra a memória do eminente estadista, referência ética da política brasileira da segunda metade do século XX.

Seu desaparecimento foi, por todas as razões, prematuro e lamentável. Rendo-lhe esta homenagem póstuma interpretando o pensamento de todos os mineiros e de todos quantos acompanharam sua traje-

tória política – inclusive seus adversários, se é que os teve.

Desfrutei da honra de com ele conviver e da responsabilidade de por ele ser estimulado em minha decisão de percorrer as estradas da política. Em longas conversas sobre as questões pertinentes aos interesses nacionais, busquei seus conhecimentos, nos quais encontrei ânimo para abraçar as mesmas causas, por ele transformadas em sacerdócio ao longo de sua passagem pelos mais diversos cargos e funções deste País.

No perfil político de Aureliano Chaves destacam-se as virtudes do nacionalismo, que nele tiveram irretocável defensor, sem se degradar no radicalismo da xenofobia.

Nosso homenageado reconhecia a importância da contribuição de outros povos e culturas para o Brasil avançar no contexto internacional, pois entendia, como estadista nato, que o isolacionismo é um caminho inadequado e, não raras vezes, resvala para as ditaduras.

Não era esse o destino pretendia para a sociedade brasileira.

Passou a vida a alimentar, no espírito e nas ações, nos gestos e nas palavras, a liberdade como bem primeiro, inalienável e superior da cidadania.

Disso deu prova inúmeras vezes nos momentos das crises republicanas de maior gravidade, quando sobressaíam sua honestidade, franqueza, simplicidade e firmeza de caráter.

Governador, foi o responsável pela eliminação da tortura contra presos políticos. Escapou várias vezes de ser cassado, pois seu caráter inspirava respeito.

O papel que desempenhou no processo de redemocratização do Brasil, na década de 1980, é referencial.

Sua voz, Sr. Presidente, foi uma das primeiras a pedir a anistia, por entender que havia chegado o momento de restaurar a paz entre as famílias e abafar de vez as tensões provocadas pelo exílio dos contrários ao regime. Suas idéias progressistas se concretizavam em concessões salariais e incomodava muitos de seus pares de então, apegados, como muitos de hoje em dia, às receitas recessivas.

Quando os pesquisadores mergulharem com atenção nos registros históricos daquele momento – e isso um dia se fará –, verão evidente e nítida, por trás de seu recato e modéstia, a magistral influência

desse corajoso brasileiro a nos puxar, sociedade, Congresso e partidos, da excepcionalidade à democracia representativa.

Sentindo-se injustiçado por seu partido e pela mídia, preferiu, em 1990, sair do cenário político, numa retirada tão honrosa e altiva como havia sido a chegada, em 1961, na condição de Deputado, à Assembléia de Minas.

Criticou depois disso, porém, o fato de o Governo anterior ter eleito a estabilização monetária como único programa, o que paralisou o País, que agora precisa crescer. Se Aureliano estivesse aqui, estaria dizendo isso.

Nacionalista que era, liderou o movimento contra a privatização da Vale do Rio Doce, de Furnas e da Cemig e foi convidado pelo Governador Itamar Franco para integrar o conselho da Cemig. Nessa época tive vários contatos e várias conversas com Aureliano Chaves. Na condição de Presidente de Furnas, tomei dele ensinamentos sobre o setor elétrico e o ouvi dizer que as privatizações foram realizadas em razão de um modismo. E ele não era dado a modismos, tinha raciocínio cartesiano, reto, que não virava ao sabor das coisas do momento.

Havia uma expressão mineira que ele utilizava quando se falava em privatização do patrimônio nacional, principalmente da parte boa e lucrativa: *“Esse pessoal acha que boi só tem filé mignon”*. E ele estava certo. Basta ver o que aconteceu com o nosso setor elétrico, que até agora não achou o caminho para voltar a dar tranquilidade para o Brasil crescer.

Foi nessa época que o Governador Itamar Franco me pediu para convidá-lo para participar do Conselho de Administração da Cemig. Ele me disse que não poderia aceitar porque tinha relações com uma firma ligada ao setor elétrico e, por ser um homem de caráter, sentia-se impedido de exercer o cargo.

Apoiou Luiz Inácio Lula da Silva na campanha presidencial de 2002, por entender que naquele momento era a melhor candidatura para o País.

Ele fazia questão de comparecer a todos os atos. Quando se lançava a construção de uma hidrelétrica em Minas Gerais, no Governo de Itamar Franco, ou quando se inaugurava uma estação de tratamento de esgoto, Dr. Aureliano sempre fazia questão de comparecer e de discursar. Fez um discurso memorável quando foi aprovada a Emenda Constitucional nº 50 à Cons-

tituição mineira, que praticamente impede a privatização da Cemig e da Copasa. Compareceu também à instalação da Fiat, em Minas Gerais.

Poderia discorrer sobre o progresso por ele promovido na siderurgia, na produção de insumos e na política ambiental; poderia também discorrer sobre a criação da Açominas, a instalação da Helibras e da Fiat em Minas. Poderia dizer, enfim, muito mais das realizações desse homem, cuja ausência choraram os mineiros, mas é matéria para outra ocasião.

Não vim a esta tribuna com a pretensão de resumir sua biografia ou a lista de obras que deixou em meu Estado e no Brasil. Apenas tentei traçar, brevemente, algumas das notáveis características de sua rica personalidade, honrosa para o Brasil, de quem Aureliano Chaves foi servidor dedicado e fiel. Nós, mineiros e brasileiros, nunca o esqueceremos.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (José Sarney) – Concedo a palavra ao Sr. Senador Marco Maciel.

O SR. MARCO MACIEL (PFL – PE. Pronuncia o seguinte discurso.) – Exmo. Sr. Presidente do Congresso Nacional, Senador José Sarney; Exmo. Sr. Deputado Federal Inocêncio Oliveira, 1º Vice-Presidente da Câmara dos Deputados, que nesta cerimônia representa, portanto, aquela Casa; Sr. Antônio Aureliano Sanches de Mendonça, Sra. Maria Guiomar Sanches de Mendonça e Sra. Maria Cecília Sanches de Mendonça, filhos do Vice-Presidente Aureliano Chaves, aos quais faço saudação muito especial; Sra. Matilde Maria, nora do Dr. Aureliano Chaves; autoridades presentes ou representadas; senhor representante do Governador de Minas Gerais; senhores representantes de obras da administração pública; amigos de Aureliano; Exmos. Sras. e Srs. Deputados Federais; Exmos. Sras. e Srs. Senadores; minhas senhoras e meus senhores, suponho haver sido o pernambucano Gilberto Freyre, em conferência na Faculdade de Direito de Belo Horizonte, em meados do século passado, quem cunhou a expressão “mineiridade” para caracterizar a identidade dos nascidos nas Alterosas. Por ser de Estado situado no coração do Brasil, o mineiro não é, como se autodefiniu Alceu de Amoroso Lima, “*nem de razão pura, nem da paixão pura; é homem do senso comum*”. A ordem, para ele, é manifestação da própria vida, em seu equilíbrio profundo, em sua compensação de partes, em sua oscilação entre extremos, capaz em

seu equilíbrio de conciliar “o *senso grave da ordem*” com o “*anseio irreprimível de liberdade*”.

Volto a Gilberto Freyre, que, de igual modo, se refere a esse traço da personalidade dos mineiros em buscar conciliar valores antagônicos: “*No assunto, todo mineiro verdadeiramente típico é vigário: vigário a quem brasileiro nenhum de outra área deve ter a pretensão de ensinar o padre-nosso da relatividade. Relatividade política. Relatividade social. Relativismo sociológico. Mineiridade*”.

Aureliano Chaves, de quem me tornei amigo quando, na década de 70, cheguei à Câmara dos Deputados, era geneticamente da estirpe daqueles autênticos homens públicos das Minas Gerais, cuja competência só disputava lugar à sua honradez, e sua honradez só competia com a sua probidade.

Dedicado às tarefas desafiadoras a que se entregou – Deputado, Governador, Ministro, fundador e Presidente de Honra do Partido da Frente Liberal (PFL), Vice-Presidente e Presidente da República –, Aureliano cuidava de explicar e defender suas posições. Por isso, inspirava confiança e respeito aos interlocutores, ante os quais, quaisquer que fossem, jamais escondeu ou renunciou às suas convicções. Teve posições firmes e contrariou interesses, sempre que, a seu juízo, eles se confrontavam com os do País.

Entre as muitas virtudes de Aureliano Chaves avulta o seu sentimento cívico. Não era um mero nativista, que, como já se disse, é uma forma rudimentar de culto à Nação; tampouco apenas um nacionalista atento à contínua defesa dos interesses do País. Ou somente um republicano, preocupado com a estabilidade política e o aperfeiçoamento das nossas instituições. Mais do que tudo, era orgânica e verdadeiramente um patriota, palavra que desafortunadamente parece estar sendo, na semântica dos novos tempos, erodida pelo processo de globalização, que relativiza o conceito de fronteira e parece tornar fluida a definição de soberania dos Estados.

É, por conseguinte, oportuno e necessário lembrar com Fernando Pessoa: “*ser intensamente patriótico é, primeiro, valorizar em nós o indivíduo que somos, ... para que assim a Nação que é a suma viva dos indivíduos que a compõem, e não o amontoado de pedras e areia que compõem o seu território, ou a coleção de palavras separadas ou ligadas de que se forma o seu léxico ou a sua gramática – possa orgu-*

lhar-se de nós, que, porque ela nos criou, somos seus filhos, e seus pais, porque a vamos criando”.

Aureliano foi sempre intérprete desses princípios que ficam mais límpidos quando se mira a sua densa biografia. Poder-se-ia também observar como característica de sua conduta o senso de oportunidade que buscava compatibilizá-lo com os ditames da coerência.

Os gregos consideravam a administração do tempo um dos mais difíceis exercícios da atividade pública, tarefa dos deuses – daí o culto ao deus Cronos. Foi o que levou, posteriormente, Huntington a afirmar *“ser (o tempo) o único recurso inadministrável da política”*.

No vale das grandes decisões, Aureliano exercitava o dom da oportunidade e assumia posições que se compaginavam com o interesse nacional, mesmo porque, ensinou seu conterrâneo e coetâneo Milton Campos, *“o estadista tem a posição de suas idéias e não as idéias de sua posição. Não é um oportunista, o que se serve da política em lugar de servi-la”*.

É de Aureliano o lapidar *jeu de mots*, como dizem os franceses, sobre a oportunidade da decisão: *“Há uma grande diferença entre diligência e pressa. O diligente não perde a oportunidade e o apressado não espera por ela”*.

Sou testemunha de haver Aureliano tido igualmente a coerência como bússola em diferentes circunstâncias e episódios da vida do País, inclusive na “Aliança Democrática”, pacto que permitiu reinserir-nos no Estado de Direito, avançarmos na abertura política e eleger a chapa Tancredo Neves-José Sarney. Na ocasião, citando Churchill, Aureliano afirmou dogmaticamente: *“Prefiro que duvidem de minha inteligência do que da minha coerência”*.

Coerência, sabemos, não é sinônimo de intransigência, muito menos de intolerância. Na atividade política, o processo decisório é um ato muitas vezes solitário e sempre complexo; pressupõe, dialogicamente, compatibilizar pensamento e ação. A decisão é tomada gassetianamente no limitado território das circunstâncias. Exige, portanto, ouvir, sopesar e avaliar, antes de eleger a melhor alternativa, e coragem para transigir, se for o caso, desde que não seja em detrimento das instituições. Era o que aconselhava o velho Rui, cujo busto temos à nossa frente: *“Intransigência legal, porque contra a lei toda transação é cumplicidade”*. E acrescentava:

“Transação política, porque a política é a essência das transações inteligentes e honestas, sob a cláusula de respeito aos cânones constitucionais. Os especuladores e os cínicos transigem sempre. Os sistemáticos e loucos, nunca. Os homens de Estado transigem onde é lícito, oportunamente”.

Sr. Presidente, por derradeiro, desejo salientar um traço pouco visível, mas não menos importante da vida de Aureliano Chaves: a sua família.

Refletindo uma tendência observada mundialmente, há no Brasil um crescente esgarçamento da instituição familiar, primeira célula da organização social. Em sua centésima viagem, semana passada, à Croácia, o Papa peregrino, João Paulo II, lembrou que *“a família precisa hoje de uma atenção privilegiada e de medidas concretas que favoreçam sua estabilidade”*, para, depois, advertir: *“Não se esqueça que ajudando a família se contribui para solucionar outros problemas graves, como a assistência aos doentes e idosos, e se põe um freio às drogas e ao aumento da criminalidade”*.

A ação pública de Aureliano Chaves estava alicerçada na paz interior da família que constituía com D. Vivi, esposa discreta, presença nem sempre visível, como a face lunar do planeta. Isso talvez ajude a explicar, algo comum em matrimônios consolidados pelo perpassar dos anos, haver Aureliano falecido menos de um ano após sua consorte. Visitando-o poucos meses antes de sua morte, impressionei-me como ele falava recorrentemente de D. Vivi, num misto de saudade e de solidão.

Sr. Presidente, a morte, muitas vezes, não afasta, aproxima. Aureliano Chaves, ao partir, deixa para os amigos o permanente fruir da saudade e lega ao País e a sua Minas Gerais um exemplo a enriquecer a nossa história.

Já se disse que *“sempre estamos nos despedindo, mas nunca partimos”*. Trata-se de um paradoxo rigorosamente verdadeiro, sobretudo para nós, cristãos, por sabermos que à cidadania terrestre, transitória e fugaz, se segue a cidadania celeste, esta definitiva, eterna. Pois, como lembra Fernando Pessoa, *“a terra é feita de céu... tudo é verdade e caminho”*.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O
SR. MARCO MACIEL EM SEU
PRONUNCIAMENTO**

**COMPROMISSO FIRMADO PELO PARTIDO DO
MOVIMENTO DEMOCRÁTICO BRASILEIRO
COM A FRENTE LIBERAL**

Os signatários deste documento, representantes do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e da Frente Liberal objetivando a consolidação das instituições democráticas, o desenvolvimento econômico do Brasil e a realização da justiça social, deliberaram constituir uma “Aliança Democrática”, aberta aos Partidos Políticos e demais forças democráticas, para eleger o Presidente e Vice-Presidente da República às próximas eleições e instituir um Governo que promova o encontro do Estado com a sociedade e concretize o bem comum.

Fundamenta-se esta Aliança Democrática nos seguintes princípios:

“COMPROMISSO COM A NAÇÃO

O PMDB e a Frente Liberal, conscientes de suas responsabilidades perante a Nação, decidiram reunir seus esforços no propósito de promover as inadiáveis mudanças que a sociedade brasileira exige.

O entendimento que selam, neste momento, é o primeiro passo para a constituição de uma Aliança Democrática, que se compromete com o destino nacional. Ao formalizá-lo, os signatários conclamam os Partidos Políticos e demais forças democráticas, animados pelo sentimento de patriotismo, a se irmarem nesta caminhada de fé e esperança do povo brasileiro.

O País vive gravíssima crise na história republicana. A hora não admite vacilações.

Só a coesão nacional, em torno de valores comuns e permanentes, pode garantir a soberania do País, assegurar a paz, permitir o progresso econômico e promover a justiça social.

Este pacto político propugna a conciliação entre a sociedade e o Estado, entre o Povo e o Governo. Sem ressentimentos, com os olhos voltados para o futuro, propõe o entendimento de todos os brasileiros.

É indispensável que se efetive o conagração nacional baseado na liberdade, na igualdade sob a lei, no escrupuloso respeito pela coisa pública, na justa participação de todos nos frutos do progresso, na solidariedade entre os brasileiros. Conagração nacional capaz de propiciar, em clima democrático, as mudanças que a Nação reclama.

É urgente a necessidade de proceder-se a reorganização institucional do País.

Uma nova Constituição fará do Estado, das Leis, dos Partidos Políticos, meios voltados para a realização do homem — sua dignidade, sua segurança e seu bem-estar.

O Brasil deve ser um País para seu próprio povo, em que seja assegurado o exercício pleno da cidadania, respeitados os direitos humanos, preservadas a identidade e a cultura nacionais.

Em uma Nação marcada pela pobreza e ameaçada pelo desespero dos marginalizados, a Administração Pública deve se caracterizar pela credibilidade e pela participação e se pautar sempre pela austeridade e moralidade.

É dever do Estado erradicar a miséria que afronta a dignidade nacional, assegurar a igualdade de oportunidades, propiciar melhor distribuição da renda e da riqueza, proporcionar o reencontro com os valores da nacionalidade.

Esse Brasil será edificado com o sacrifício, a coragem e as inesgotáveis reservas de patriotismo de sua gente.

Esta é a tarefa que cumpre empreender.

Esse entendimento possibilita a Aliança Democrática estabelecer como compromisso impostergáveis e fundamentais com a Nação brasileira:

— Restabelecimento imediato das eleições diretas, livres e com sufrágio universal, para Presidente da República, Prefeitos das Capitais dos Estados e dos Municípios considerados estâncias hidrominerais e dos declarados de interesse da segurança nacional. Representação política de Brasília;

— Convocação de Constituinte, livre e soberana, em 1986, para elaboração de nova Constituição;

— Restabelecimento da independência e prerrogativas do Poder Legislativo e do Poder Judiciário;

— Fortalecimento da Federação e efetiva autonomia política e financeira dos Estados e Municípios;

— Reforma da legislação eleitoral de modo a possibilitar a formação de novos Partidos, permitir as coligações partidárias e assegurar às agremiações políticas o acesso democrático ao rádio e à televisão;

— Retomada e reordenamento do processo de desenvolvimento, como opção fundamental da sociedade brasileira;

— Reprogramação global da dívida externa, em condições que preservem o povo de sacrifícios insuportáveis e resguar-dem a soberania nacional;

— Combate à inflação, através de medidas que considerem, não apenas sua origem financeira, mas sobretudo seu caráter prioritariamente social. Saneamento financeiro interno e redução do custo do dinheiro;

— Reforma tributária, como instrumento básico de realização dos objetivos de política social e econômica. Correção das desigualdades regionais e pessoais de renda;

— Prioridade ao Nordeste reconhecimento da sua capacidade na formulação das soluções mais adequadas ao resgate da dívida nacional para com a Região;

— Adoção de medidas de emergência contra a fome e o desemprego;

— Desconcentração do Poder e descentralização do processo decisório. Desburocratização;

— Apoio à livre iniciativa. Fortalecimento das empresas nacionais. Tratamento favorecido às pequenas e médias empresas;

— Revisão da política salarial, com eliminação do processo de compressão do poder aquisitivo dos trabalhadores, dos servidores públicos e da classe média. Garantia da autonomia e liberdade sindicais e do direito de greve;

— Educação fundamental para todos. Fortalecimento da Universidade e efetivação da sua autonomia. Apoio à pesquisa ao desenvolvimento científico, tecnológico, artístico e cultural;

— Defesa do patrimônio histórico, artístico e cultural brasileiro. Adoção de um plano nacional de cultura;

— Combate a qualquer espécie de discriminação e preconceito quanto à religião, sexo e raça. Proteção aos direitos das minorias;

— Direcionamento de recursos e estímulos para o aumento substancial da oferta dos bens e serviços indispensáveis à satisfação das carências básicas da população no campo da alimentação, saúde, educação e habitação;

— Proteção do meio ambiente. Defesa da Amazônia. Política urbana. Melhoria da qualidade de vida e das condições de segurança individual;

— Reestruturação da previdência social e do sistema financeiro de habitação, com adoção de medidas que lhes propiciem condições de estabilidade e fidelidade aos objetivos sociais;

— Execução de política agropecuária que assegure a fixação de preços mínimos realistas e a formação de estoques reguladores adequados. Reforma agrária mediante cumprimento do Estatuto da Terra e melhoria das condições de vida do homem do campo;

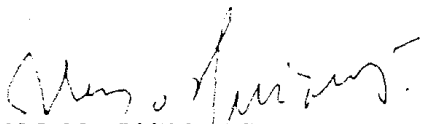
— Política externa voltada para a preservação da soberania dos Estados, segurança e justiça internacionais, e busca da paz.”

Acordaram os signatários que o candidato a Presidente da República seja proposto pelo PMDB, que indica o Governador Tancredo Neves, e o candidato a Vice-Presidente da República seja apresentado pela Frente Liberal, que indica o Senador José Sarney.

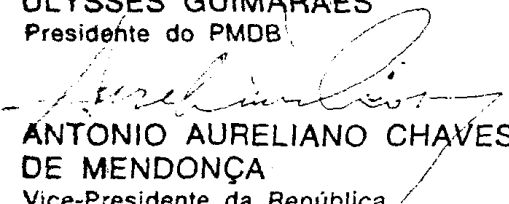
Estabeleceram, igualmente, que o programa governamental venha a ser conjuntamente elaborado pelo PMDB, Frente Liberal e Partidos Políticos que venham a integrar a Aliança Democrática, orientando-se pelos princípios constantes do “Compromisso com a Nação”.

Finalmente, manifestaram a determinação no sentido de desenvolver gestões com o objetivo de alcançar a participação dos partidos políticos e outras forças democráticas que, identificados com estes propósitos, desejem unir esforços através da Aliança Democrática, para solucionar os graves e urgentes problemas que afligem o Brasil e, integrados, pugnarem pela vitória dos compromissos e das candidaturas que, para esse fim, indicam.

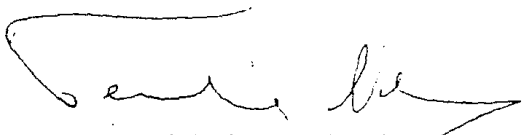
Brasília-DF, 7 de agosto de 1984.



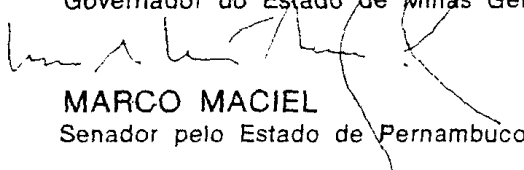
ULYSSES GUIMARÃES
Presidente do PMDB



ANTONIO AURELIANO CHAVES
DE MENDONÇA
Vice-Presidente da República



TANCREDO NEVES
Governador do Estado de Minas Gerais



MARCO MACIEL
Senador pelo Estado de Pernambuco

O SR. PRESIDENTE (José Sarney) – Concedo a palavra ao Deputado José Carlos Aleluia.

O SR. JOSÉ CARLOS ALELUIA (PFL – BA. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente do Congresso Nacional, Senador José Sarney; Sr. Deputado Inocêncio Oliveira, 1º Vice-Presidente da Câmara dos Deputados; meu amigo Antônio Aureliano, que tive oportunidade de conhecer melhor como companheiro na Câmara dos Deputados; Sra. Maria Guiomar; Sra. Maria Cecília; Sra. Matilde Maria; senhores familiares do Dr. Aureliano Chaves; Srs. Senadores; Srs. Deputados; estou aqui como Líder do PFL, para falar de um grande homem que, de certa forma, me inspirou a ingressar na vida política.

Conheci o então engenheiro Aureliano Chaves quando era estudante do curso de pós-graduação na Escola Federal de Engenharia de Itajubá. Ele havia ido até lá proferir palestra sobre assuntos brasileiros, uma das cadeiras ministradas naquele tempo. Fiquei impressionado com o engenheiro que se transformava em engenheiro social. Depois voltei a encontrá-lo e aí de fato passei a conhecê-lo e com ele conviver no Governo do Presidente José Sarney, quando fui indicado para exercer o cargo de Diretor de Engenharia da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco – CHESF.

Lembro-me da primeira reunião de que participei na ELETROBRÁS, com a presença do Ministro de Minas e Energia – estávamos eu, Diretor de Engenharia, demais diretores e engenheiros do grupo ELETROBRÁS. Para nossa surpresa, o Ministro foi até o quadro e começou a expor um diagrama de Scanton, sobre o cálculo de variação de tensão numa linha de transmissão. Confesso que fiquei impressionado ao ver que um Ministro, ex-Governador e ex-Deputado ainda se mantinha atualizado com demonstrações de engenharia que, àquela altura, não estavam tão presentes na minha memória. Esse foi um dos grandes exemplos que foram se repetindo ao longo do tempo em que eu fui dirigente da CHESF.

Outro incidente de que certamente se recorda o Presidente José Sarney foi quando se avizinhou a crise do setor elétrico. S.Exa. promoveu uma reunião em Foz do Iguaçu para discutir a questão. O Presidente da CHESF, meu grande e saudoso amigo Deputado Oliveira Brito, encontrava-se doente, por isso eu estava no exercício da Presidência. Para lá fomos nós, os Presidentes de todas as empresas, discutir os problemas técnicos do setor elétrico. O Presidente da República e o Ministro de Minas e Energia passaram várias horas ouvindo os técnicos e tentando encontrar soluções para um segmento tão estratégico da

vida nacional. Na ocasião, pude, por meio do Ministro Aureliano Chaves, conhecer o Presidente José Sarney.

O comportamento do Ministro, como bom político, sempre era o de buscar boas soluções na condução das coisas públicas, procurando prestigiar os quadros profissionais das instituições ligadas ao Ministério. Promovia mensalmente reuniões com todos os técnicos e conselheiros das empresas a ele ligadas, para discutirem estratégia de trabalho. Isso era eficiência pura, mas há coisas que são especiais.

Recordo-me de quando diagnosticamos uma deformação do concreto na Usina Apolônio Chaves. Transmiti a notícia ao Presidente da Eletrobrás de forma extremamente preocupada, porque se tratava de uma rara reação álcali-silica agregada ao concreto, que até poderia inviabilizar a usina. O Presidente da Eletrobrás, Dr. Mario Penna Bhering, pediu-me que explicasse ao Ministro a questão. S.Exa., por sua vez, comunicou imediatamente o fato ao Presidente da República, e os dois decidiram que o País precisava conhecer o problema.

Todos sabem que o normal nesses casos é colocar a informação debaixo do tapete. No entanto, decidiram convocar os profissionais de imprensa, levá-los à usina e mostrar-lhes como a estrutura de concreto da usina estava se deformando, o que limitava sua utilização. Parece pouco, mas para um engenheiro de 36, 37 anos significava muito ver um político apresentar a verdade de forma nua e crua a quem precisava de fato dela saber.

Antônio, há um outro fato que também mostra a forma correta como seu pai tratava as coisas públicas. Posso compará-lo ao incidente ocorrido no Brasil no ano passado, quando houve racionamento de energia elétrica. Tivemos um outro racionamento em 1987. Todos sabem que os ciclos de chuvas se iniciam por volta do mês de outubro e vão até o mês de março. Em dezembro de 1986, por solicitação do Dr. Mario Bhering, telefonei para o Ministro de Minas e Energia para lhe informar que, apesar do início do período chuvoso, estávamos diante da possibilidade de um racionamento. Ele me disse: *“Estamos no período próximo às festas natalinas. Prepare o seu pessoal porque, em janeiro, conforme combinei com o Presidente Sarney, os Governadores do Nordeste, as federações de indústrias, todos irão saber do risco que estão correndo”*. E começamos a planejar a defesa da sociedade contra os danos de um racionamento no mês de dezembro. No ano passado, tivemos racionamento até depois do período chuvoso. Tal fato não foi comunicado com antecedência à Nação, o que fez

com que o impacto fosse tremendamente maior do que o daquela época.

Mas não vim falar do político Aureliano Chaves, que todos conhecem melhor do que eu, mas do indivíduo que, além de ter sido um grande engenheiro e político, foi exemplo para mim e os engenheiros do século XX. Era um homem que tinha prazer existencial em ser engenheiro e político – por isso soube o momento em que deveria se afastar da política. Senti seus olhos brilharem quando visitamos a usina de Itaparica, que ele concluiu no Governo do Presidente Sarney. Senti seu entusiasmo ao levar ao Presidente e aos Ministros da área econômica a solicitação de que se fizesse a grande obra hidrelétrica do Nordeste, a Usina de Xingó, praticamente construída no Governo Sarney.

Não vim a esta tribuna na condição de Deputado, mas de um engenheiro que, repito, talvez tenha entrado na política inspirado por Aureliano Chaves. Eu não tinha a menor ligação com política; admirava os políticos da minha terra – e aqui está presente o meu líder e amigo Antonio Carlos Magalhães –, mas jamais imaginei ser um deles. Decidi fazê-lo porque vi que poderia prestar algum serviço ao meu País, à semelhança desse grande homem que hoje homenageamos.

Todos os que pertencem à família de Aureliano Chaves, seus amigos, todos os engenheiros, todos os mineiros e brasileiros podem dizer que se orgulham desse homem que ora homenageamos. Ele cumpriu – e bem – seu papel de brasileiro e de patriota.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (José Sarney) – Concedo a palavra ao Senador Aelton Freitas.

O SR. AELTON FREITAS (PL – MG. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador José Sarney, Deputado Inocêncio Oliveira, Sras. e Srs. Senadores, Sras. e Srs. Deputados, senhores familiares do ilustre Dr. Aureliano Chaves, um abraço a todos. Tudo o que eu gostaria de falar e escrever, resumindo a biografia do líder Aureliano Chaves, aqui já foi dito. Portanto, peço permissão para deixar de lado meu discurso e fazer minhas as palavras dos que me antecederam nesta tribuna.

Sr. Presidente, Senador José Sarney, trago um abraço aos familiares do Dr. Aureliano do Arcebispo de Patos de Minas, do Secretário-Geral da CNBB de Minas Gerais e do Espírito Santo, que vieram exclusivamente de Minas Gerais para prestigiar esta solenidade.

Sou Senador por Minas Gerais e fã do seu pai, Dr. Aureliano, a quem, nos meus 14 ou 15 anos de idade, tive a oportunidade de conhecer, levado pelas mãos do então Deputado Federal Homero Santos. Aureliano Chaves era o Governador do meu Estado naquela época; o Deputado Homero sempre foi um grande líder do Triângulo Mineiro, e eu nunca pensei em ser político, mas fiquei muito feliz em conhecer pessoalmente o ilustre Governador de Minas e apertar-lhe a mão.

Hoje, na condição de Senador da República, substituindo um dos ilustres personagens do nosso País, o Vice-Presidente da República, José Alencar, tenho a oportunidade de registrar nos Anais desta Casa o meu discurso nesta tão merecida homenagem que faz o Congresso Nacional a Aureliano Chaves.

Tive também a oportunidade de conhecer o Dr. César, um dos maiores companheiros do então estudante Aureliano Chaves. Por 8 anos consecutivos, eles estudaram no mesmo científico e na mesma Faculdade de Engenharia, conviveram na mesma sala de aula, moravam na mesma república, dividiam o mesmo quarto e o mesmo beliche. Tão emocionados quanto eu, tenho certeza, estão o Dr. César, o Dr. Olímpio Barbante, os outros que aqui também se fazem presentes e Minas Gerais em peso.

E, com tantos segmentos da sociedade e líderes políticos mineiros presentes, não poderia deixar de trazer meu abraço e fazer minhas as palavras dos que me antecederam, principalmente o ex-Governador Eduardo Azeredo, cujo discurso ouvi atentamente, e o ex-Senador e Deputado José Roberto Arruda.

Realmente, é merecida esta homenagem que o Congresso Nacional faz a um dos mais brilhantes, sérios e exemplares nomes da História do nosso País, o nosso conterrâneo Aureliano Chaves.

Um abraço a todos.

O SR. PRESIDENTE (José Sarney) – Concedo a palavra ao nobre Deputado Mário Assad Júnior, do PL de Minas Gerais.

O SR. MÁRIO ASSAD JÚNIOR (PL – MG. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador José Sarney, Deputado Inocêncio Oliveira, meu querido amigo Antônio Aureliano, Sra. Matilde Maria, Sra. Maria Guiomar, Sra. Maria Cecília, Sras. e Srs. Senadores, Sras. e Srs. Deputados, senhoras e senhores, amigos do homenageado, a primeira reação que temos diante da ausência de um líder político da envergadura de Aureliano Chaves é procurar dimensionar a falta que uma figura desse porte fará para o presente e para o futuro imediato da Nação. Logo que o tempo

nos distancia, porém, da irreparável perda, podemos ver com traços definitivos e com mais clareza o que representou a existência de líderes como ele.

No caso de Aureliano Chaves, sempre ficará na nossa memória o homem público coerente, nacionalista, honesto e de firmes convicções. O desaparecimento de Aureliano Chaves coloca em destaque a sua obra política e o faz figurar no panteon dos maiores estadistas que a vida pública brasileira pôde produzir.

Aureliano Chaves ingressou na atividade política e dela nunca se afastou. Dignificou a política nacional com um comportamento reto e sem cobranças na consciência. Foi um homem público na mais vigorosa acepção do termo. Avesse às espertezas políticas que a formação de seu caráter sempre combateu, soube ser defensor do regime implantado em 64 e dele se afastou, exercendo papel fundamental, quando julgou que o País estava preparado para ser redemocratizado. Permito-me repetir desta tribuna, para que fique vivo na lembrança de cada um de nós, que Aureliano discordou diversas vezes dos rumos do regime, inclusive no episódio que culminou com a decretação do Ato Institucional nº 5, em 13 de dezembro de 1968, e o obscurantismo que a ele se segue.

Aureliano Chaves foi um dos poucos integrantes da bancada mineira na Câmara dos Deputados a se colocar contrário à licença pretendida pelo Governo do Gen. Costa e Silva para processar o então Deputado Márcio Moreira Alves, acusado de haver, da tribuna da Câmara dos Deputados, pronunciado um discurso ofensivo às Forças Armadas. O Presidente da Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados, Djalma Marinho, divergindo da licença, foi sumariamente afastado da função. Na solenidade de desagravo ao seu afastamento e em defesa das prerrogativas do Poder Legislativo, lá estava novamente Aureliano Chaves como o orador oficial.

Homem público correto, respeitado e dotado da coragem dos que aprenderam a não temer e da sinceridade dos que não sabem mentir, Aureliano Chaves foi ao mesmo tempo defensor do regime instaurado e homem comprometido com o processo de abertura democrática, tanto que, quando se reorganizou o quadro partidário nacional, na década de 80, numa reengenharia política de alta sabedoria, vinculou-se à Frente Liberal – nunca é demais lembrarmos de Marco Maciel, Antonio Carlos Magalhães e do Presidente do Congresso, José Sarney – e garantiu a transição tranqüila do regime com a eleição de outro mineiro notável, Tancredo Neves. Dali para frente, a democra-

cia tem vigorado no País com seus altos e baixos, mas firme, com vistas aos seus altos desígnios.

Em fins de 1974, embora não fosse o candidato das forças majoritárias nos quartéis, seu nome surgiu dentro de mais um movimento libertário iniciado em Minas Gerais que culminou com sua indicação para o Governo do Estado, sendo referendado pela Assembleia Estadual para mandato com início em 15 de março de 1975. Também desse episódio histórico participou o ex-Governador de Minas Gerais, aqui presente, Francelino Pereira.

Em 5 de julho de 1978, renunciou ao cargo de Governador para concorrer à Vice-Presidência da República na chapa liderada pelo Gen. João Baptista Figueiredo, candidato à sucessão do Presidente Geisel em eleição indireta, conforme previa a Constituição de 1967. Em outubro do mesmo ano, foi eleito pelo Colégio Eleitoral para mandato com início em março de 1979. Foi também na liderança da dissidência que passou a ser conhecida como Frente Liberal, conforme já dito, que Aureliano Chaves defendeu a convocação de uma Assembleia Constituinte para conferir novo estatuto político à sociedade brasileira.

Sei que não devo alongar-me nesta tribuna. Muitos oradores por aqui já passaram e outros, com certeza mais ilustres do que este modesto mineiro do leste de Minas Gerais, deverão aqui subir. Mas permito-me prosseguir, lembrando um pouco da história de Aureliano Chaves como Governador da nossa querida Minas Gerais.

Como Governador de Minas Gerais, Aureliano Chaves comanda o Estado em clima de tranqüilidade política, destacando a eficiência administrativa como conquista importante do sistema. As duas maiores forças da história política de Minas – o PSD e a UDN – já haviam sido extintas pelo primeiro presidente do movimento de março de 1964. O novo Governador, embora remanescente da corrente udenista, tinha como Vice o Deputado Ozanam Coelho, de tradicional linha pessedista. O harmonioso entendimento entre os dois resultou numa equipe de governo sob o espírito da integração. Aureliano Chaves procurou os nomes que lhe pareceram mais qualificados para a composição do seu secretariado, mesclando técnicos e políticos de sua confiança pessoal. Quando termina seu Governo, Minas Gerais é o segundo pólo industrial do País.

No Governo de Minas, Aureliano Chaves deu ênfase ao processo de modernização econômica do Estado, modelo que visava criar as condições propícias ao desenvolvimento de grandes unidades industriais e agroindustriais.

Na década de 70, durante sua administração, Minas penetrou definitivamente na sua atual fase industrial. Aureliano Chaves fixou as prioridades e metas de sua administração no Plano Mineiro de Desenvolvimento Econômico e Social. Durante seu Governo, as taxas econômicas foram positivas, independentemente das medidas restritivas adotadas pelo Governo Federal, que visavam conter o ritmo dos investimentos públicos e privados. A ênfase do Governo Aureliano Chaves foi posta nos programas de expansão para a siderurgia e para a produção de insumos básicos.

Em 1976, iniciavam-se as obras da Açominas, projeto longamente acalentado por todos os que sonhavam em transformar Minas Gerais no principal pólo siderúrgico nacional. Na mesma época, dava-se andamento também à expansão da Usiminas e planejava-se a construção da Siderúrgica Mendes Júnior, em Juiz de Fora.

A auto-suficiência brasileira em fertilizantes, cuja falta tanto pesava na balança comercial do País, fica assegurada com a implantação dos projetos da

Valep, da Valefértil e da Fosfértil, além dos programas de desenvolvimento regional que também foram grandemente estimulados.

Foi no seu Governo que se iniciou a política de proteção ao meio ambiente em Minas Gerais. Uma de suas primeiras iniciativas na área ambiental foi procurar os empresários mineiros para a redução do nível de poluição atmosférica na Região Metropolitana de Belo Horizonte, o que conseguiu por meio de negociações. Os empresários instalaram sistemas antipoluentes em suas fábricas. Foram também inúmeros os programas sociais que implantou na nossa querida Minas Gerais, e levaríamos horas para descrevê-los. Minas foi sempre o seu eterno e profundo amor e hoje chora o desaparecimento do seu líder, não se esquecendo, contudo, de sua impressionante vida, desejando muito que novos líderes se inspirem no exemplo de Aureliano Chaves, neste País tão carente e necessitado de vultos.

Temos ainda de nos lembrar de D. Vivi, um belo relicário de poesia incrustado na sua alma pelo seu contagiante amor. É de se notar que ele, talvez não resistindo ao seu passamento, partiu para estar junto dela.

Meu prezado colega Antônio Aureliano e todos seus familiares, a base de sustentação moral de nossa geração é garantida pelo exemplo da estatura moral de homens como Aureliano Chaves. Tenho a honra e o privilégio de ter vivido vários desses momentos históricos do País na intimidade de meu lar, já que meu pai, Mário Assad, esteve sempre ao lado do pai,

engenheiro, professor, Deputado, Ministro, Secretário de Estado, Governador e Vice-Presidente do Brasil Aureliano Chaves.

O SR. PRESIDENTE (José Sarney) – Com a palavra o Deputado Patrus Ananias.

O SR. PATRUS ANANIAS (PT – MG. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente do Congresso Nacional, Senador José Sarney, Deputado Inocêncio Oliveira, aqui representando a Câmara dos Deputados e nosso Vice-Presidente, Sras. e Srs. Parlamentares, Sr. Antônio Aureliano Sanches de Mendonça, Sra. Maria Guiomar Sanches de Mendonça, Sra. Maria Cecília Sanches de Mendonça e demais familiares do ex-Governador e ex-Vice-Presidente Aureliano Chaves, pessoalmente, pedi à bancada do Partido dos Trabalhadores que me indicasse para falar nesta sessão solene em homenagem ao Dr. Antônio Aureliano Chaves de Mendonça.

Por que esse empenho?

Em primeiro lugar, quero dar um depoimento pessoal. Participei do Governo Aureliano Chaves, em Minas Gerais. Trabalhei na Secretaria de Estado da Educação, sob a liderança do Prof. José Fernandes Filho, posteriormente Desembargador e Presidente do Tribunal de Justiça de Minas Gerais. Nenhum de nós – nem o Secretário nem a sua equipe – pertencíamos ao partido do Governador, a antiga Aliança Renovadora Nacional – ARENA. Muitos de nós tivemos problemas com os órgãos de segurança. Eu próprio, na flor dos meus 23 anos, estava profundamente engajado na luta pela democracia e pela justiça social no Brasil. Participei de movimentos libertários da Igreja, a favor da justiça e da não-violência, sob a liderança de D. Hélder Câmara.

O Governador Aureliano Chaves tinha conhecimento das nossas posições e dos nossos compromissos. Inclusive, estimulava-nos e acompanhava o contato que, em seu nome, fazíamos com grandes lideranças da resistência democrática no Brasil, como Alceu Amoroso Lima – o inesquecível e sempre presente Tristão de Athaíde –, Sobral Pinto, D. Paulo Evaristo Arns e D. Hélder Câmara. O grupo que assumiu a Secretaria de Educação em Minas Gerais, chamado de Esquerda Católica, tinha como inspiração a figura sempre presente do professor, ex-Deputado e mestre de gerações de mineiros Edgar de Godoy da Mata Machado.

O compromisso com a democracia, o diálogo e o respeito às diferenças já se faziam presentes no Governo Aureliano Chaves, desde seu início, em 1975. Eu próprio, jovem rebelde, convidado por ele

para uma recepção ao então Presidente Geisel, disse-lhe: *“Governador, por razões de princípio, não posso comparecer”*. Ele colocou a mão no meu ombro e respondeu: *“Eu entendo, eu entendo. A juventude tem mesmo essas marcas, essas características. Você está dispensado dessa recepção ao Presidente”*. Depoimento pessoal.

Poderia falar um pouco mais sobre o assunto, mas o tempo é curto. Vou então ao segundo ponto.

Candidato a Prefeito de Belo Horizonte, na sucessão do Senador Eduardo Azeredo, poucos dias antes da eleição, recebi na minha residência o telefonema de Aureliano Chaves, que me disse: *“Estou lhe telefonando para lhe hipotecar o meu apoio, dizer que você terá o meu voto e que estou à sua disposição para divulgar a sua campanha”*.

Eleito Prefeito da Capital dos mineiros, uma das primeiras visitas que recebi foi de Aureliano Chaves. Disse ele: *“Vim aqui para lhe dizer que você terá sempre a minha lealdade e a minha solidariedade”*. E acrescentou o comentário de que jamais me esqueço: *“Tenho muito orgulho de que você tenha participado da minha equipe de governo”*.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, Srs. Deputados, convidados, senhoras e senhores, vou falar sobre as qualidades humanas e pessoais de Aureliano Chaves. Foi dito aqui que ele tinha inteligência cartesiana. Posso dizer que ele tinha também um coração pascalino ou pascaliano, como quiserem. Pascal dizia que *“o coração tem razões que a própria razão desconhece”*. O genial autor dos pensamentos certamente inspirava também Aureliano no seu comportamento retilíneo e na sua profunda capacidade de sensibilizar-se, de comover-se, de dedicar-se à família e aos amigos no convívio fraterno das boas relações.

Lembro o que ocorreu com o meu grande mestre Alceu Amoroso Lima, a quem já me referi. Ele tinha 90 anos e parecia que iria chegar aos 100. De repente, D. Maria Tereza, sua esposa, falece e o gigante é ferido. Poucos meses depois, eis que o Brasil perde o seu maior pensador católico.

Com Aureliano Chaves aconteceu a mesma coisa. Poucas semanas depois do falecimento de D. Vivi, encontrei-me com o Dr. João Camilo Pena, Secretário de Fazenda do seu Governo, e perguntei-lhe: *“Como está o nosso Governador, Dr. João?”* Ele respondeu: *“Patrus, ele é um gigante ferido. A morte de D. Vivi vai levar o Aureliano muito depressa”*.

Todos nós temos de reverenciar esse gesto de ternura humana, essa celebração de amor tão intenso. Só os homens tocados por profunda sensibilidade

e capacidade de amar conseguem vincular sua história e seu destino a uma pessoa. O casamento deles foi marcado pela afinidade e pelo amor.

Quero também recordar outro encontro que tive com Aureliano Chaves. Nós nos encontramos na Academia Mineira de Letras e pude conhecer mais de perto sua extraordinária cultura humanística, embora sendo engenheiro. Descobrimos afinidades comuns: a paixão pela história do Brasil, pela história de Minas Gerais; a admiração pelo grande vulto mineiro que implantou o Poder Legislativo no Brasil, que derrotou D. Pedro I, que queria restaurar o Absolutismo; o respeito pelo gênio Bernardo Pereira de Vasconcelos.

Peço licença para resgatar um texto de Aureliano, que bem fala de seu amor a Minas Gerais e de seus conhecimentos históricos. Ele se referia ao papel de Minas Gerais e ressaltava que, no Império, com Bernardo Pereira de Vasconcelos, firmou o alicerce do governo parlamentar; com Honório Hermeto Carneiro Leão, Marquês de Paraná, venceu a divisão nacional; com Teófilo Otoni, deu vibração popular ao liberalismo; na República, foi fundadora com Cesário Alvim, planejadora com João Pinheiro, condutora com Carlos Peixoto, conciliadora com Venceslau Brás, combatente com Arthur Bernardes e Raul Soares, inovadora com Antonio Carlos, moderadora com Milton Campos e Bias Fortes, realizadora com Juscelino Kubitschek e Israel Pinheiro.

Não seria exagero dizer que Aureliano Chaves é a síntese dessas qualidades encontradas em todos os grandes vultos da nossa história.

Por último, nós nos encontramos no compromisso e no amor ao Brasil. Encontramo-nos novamente nas grandes lutas nacionalistas e patrióticas, sempre empenhados na construção do projeto nacional e na defesa do nosso patrimônio público.

Sr. Presidente, não é verdade que Aureliano Chaves tenha abandonado a política, porque nos anos 80 estivemos juntos em praça pública, em Itabira, lutando contra a privatização da Vale do Rio Doce. Ali, com aquela voz, com aquela autoridade moral que Deus lhe deu, eu o ouvi dizer que a privatização da Vale do Rio Doce era um atentado contra a soberania nacional.

Tantas vezes estivemos juntos no Sindicato dos Jornalistas de Minas Gerais, na Câmara Municipal de Minas, na Assembléia de Minas, na luta contra a privatização da Vale, contra a privatização da Petrobras e por tantas outras causas nacionais, para ficar apenas nos grandes temas do Brasil.

Presença viva entre os grandes patriotas, Aureliano Chaves vai estar sempre com todos os brasileiros e brasileiras de bem, que querem a emancipação econômica, social e cultural do nosso País. O Brasil foi a causa e o bem maior da vida pública de Aureliano Chaves, e ele estará sempre presente em nossos corações.

O grande filósofo, pensador cristão, católico Gabriel Marcel, elevou a sua presença ao nível da categoria filosófica. E é pela presença que nós experimentamos, segundo Marcel, o milagre da ressurreição. Cada vez que nos debruçamos sobre alguém, estamos ressuscitando essa pessoa. Estamos hoje, e estaremos sempre, nas grandes lutas democráticas, nas grandes lutas nacionalistas e patrióticas, ao ressuscitar Aureliano Chaves como um dos grandes brasileiros de todos os tempos.

Poderemos dizer como Guimarães Rosa disse sobre João Neves da Fontoura, no dia em que tomou posse na Academia Brasileira de Letras. Poucas horas depois, partia o grande autor de *Grande Sertão: Veredas*. Sem saber, Guimarães Rosa falava de si mesmo, mas falava também de todos aqueles que, pelo seu exemplo, ressuscitam nas lutas do seu povo. *“Mas o que é o pormenor da ausência? Faz diferença? Choras os que não devias chorar. O homem desperto nem pelos mortos nem pelos vivos se enluta”* (Krishna instrui Arjuna, no Bhagavad Gita).

Dizia Guimarães: *“A gente morre é para provar que viveu. Mas as pessoas não morrem. Elas ficam encantadas”*.

Elogio que vale, em si, perfeito, único sumário: Antônio Aureliano Chaves de Mendonça.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (José Sarney) – Com a palavra o Deputado Athos Avelino.

O SR. DEPUTADO ATHOS AVELINO (PPS – MG. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente, Senador José Sarney, Sr. Vice-Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Inocêncio Oliveira, senhores familiares do Dr. Aureliano Chaves, Sras. e Srs. Senadores, Sras. e Srs. Deputados, demais autoridades presentes, senhores convidados, senhoras e senhores, vimos a esta tribuna para, com imenso orgulho, participar desta justa homenagem à figura de Aureliano Chaves. É, aliás, relevante que possamos, aqui reunidos, trazer ao conhecimento de toda a Nação os traços particulares e peculiares de quem, na extensa vida política, deixou bem marcada uma ação inteiramente comprometida com o futuro e o progres-

so de sua terra e de seu povo. E isto, reconhecamos, Aureliano Chaves fez com paixão.

A paixão, que entendemos como o oposto da indiferença, foi na vida de Aureliano Chaves pá e bússola para sua atuação política. Uma atuação extensa que o fez Deputado Estadual, Deputado Federal, Secretário de Governo, Governador, Ministro de Estado e Vice-Presidente da República. E em todos esses momentos Aureliano Chaves soube impor a marca indelével de sua atuação em defesa da economia e do desenvolvimento de seu Estado, Minas Gerais, e do Brasil.

Em sua gestão, deu-se início à construção da Açominas, ao mesmo tempo em que se ampliavam as linhas de produção da Usiminas e da Mendes Júnior, fazendo de nosso Estado o maior centro siderúrgico nacional. E não foi só isso, é claro. Como dito anteriormente pelo Deputado Mário Assad Júnior, era visível a carência de fertilizantes de produção interna, o que exigia gastos elevados com sua importação, em detrimento, portanto, de nossa balança comercial. O Governador Aureliano instalou a Valep, em Itabira, a Valefértil, em Uberaba, e a Fosfértil, em Patos de Minas, com o que o País conseguiu, de imediato, sua necessária auto-suficiência nessa área. E Minas Gerais mostrou-se como o segundo pólo industrial do País.

Se fôssemos alinhando aqui as conquistas de Aureliano Chaves, em especial no Poder Executivo, iríamos chegar a uma relação quase interminável, mérito que não se pode retirar de qualquer análise que se faça dessa imponente figura da moderna política brasileira.

Um aspecto pouco conhecido, no entanto, precisa ser mais bem revelado. Na Vice-Presidência da República, Aureliano Chaves deu-se conta de que o regime militar estertorava, de que as forças democráticas aglutinadas em torno da campanha das Diretas Já iriam, forçosamente, demolir aquele regime e abrir as portas da democracia para o povo. Assim, liderou a chamada Frente Liberal, em apoio à eleição, ainda indireta, de Tancredo Neves, eleição que virou amarga página da história deste País e deu início a um processo de institucionalização democrática que podemos considerar definitivo.

As eleições de 1989, já diretas e sob a égide de um texto constitucional que o saudoso Ulysses Guimarães, com felicidade, chamou de Constituição cidadã, seriam a marca definitiva da vitória das forças progressistas. Então, não seria possível a Aureliano Chaves não participar desse pleito. Ele não poderia deixar de levar sua mensagem a todos os rincões de

nossa terra, mensagem que tinha por respaldo maior a própria biografia de nosso homenageado.

Esta sessão solene, portanto, tem um grande significado. Aureliano Chaves já não está com sua gente, sua família, seu povo, mas esta Casa, onde sempre ecoam as vontades populares, entendeu ser de seu dever homenageá-lo. É o que fazemos, hoje, em nome da bancada do Partido Popular Socialista, o PPS, na Câmara. Viemos para louvar um homem íntegro, um político veraz e capaz. E é este o instante em que nos vêm à memória palavras de Stefan Zweig, em obra autobiográfica:

“Mas se, com nosso testemunho, transmitirmos à próxima geração um pedacinho que seja dos destroços da verdade, não teremos vivido em vão”.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Senadores, Sras. e Srs. Deputados, Aureliano Chaves não viveu em vão.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (José Sarney) – Como último orador desta sessão, concedo a palavra ao Deputado Rafael Guerra.

O SR. RAFAEL GUERRA (PSDB – MG. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador José Sarney; Deputado Inocêncio Oliveira, Vice-Presidente do Congresso Nacional, aqui representando a Câmara dos Deputados; caro Antônio Aureliano; sua esposa Matilde; Sra. Maria Guiomar; Sra. Maria Cecília; Sras. e Srs. Senadores; Sras. e Srs. Deputados; Governador Francelino Pereira; Governador Eduardo Azeredo; amigos de Aureliano Chaves; senhoras e senhores, fui indicado pelo Líder do meu partido na Câmara dos Deputados, partido de Antônio Aureliano, nosso companheiro, para representar o PSDB nesta sessão.

Agradeço ao Líder a confiança em mim depositada e a indicação de meu nome. Na verdade, busquei essa indicação não apenas pela importância do momento, mas pela admiração que tenho por Aureliano Chaves, por sua história, por sua vida e também – Antônio Aureliano bem sabe – pelos laços de amizade que sempre uniram ele e meu pai, José Guerra Pinto Coelho, com quem trabalhou como Reitor no Colégio Estadual e Presidente do Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais.

Homenagear Aureliano Chaves é tarefa que, além de nos dar muita honra, podemos fazer com muita facilidade, porque ele teve uma trajetória ilibada. Tudo já foi dito a respeito dele, estou apenas fazendo um resumo ao ocupar o horário destinado ao último orador desta sessão, que aguardou pacientemente sua vez. Aureliano Chaves teve uma trajetória ilibada,

repito, como já foi dito por outros, uma história de coerência e de honestidade ao servir ao Brasil, o que honra seus familiares, seus amigos, seus eleitores e correligionários.

Passou pela vida pública sem mácula. Foi uma das pessoas que sempre soube lutar, garantir e defender os valores éticos da sociedade, defender a família, a democracia, a justiça social, o desenvolvimento, os direitos humanos. De modo que falar de Aureliano, como alguns já fizeram aqui, é tarefa fácil, tal a quantidade de verdades que ele praticou ao longo de sua vida política. Tudo o que aqui vem sendo dito reflete cristalinamente a passagem de um homem puro e idealista pela vida pública brasileira.

Separei algumas frases que marcam a vida e Aureliano Chaves. Uma delas diz: *“A vida pública só tem grandeza na medida em que for utilizada para servir a coletividade”.*

Aureliano era tão puro e modesto que certa vez disse ser um homem fora de moda – isso já foi dito aqui anteriormente. Ele disse: *“Prefiro ser assim, pois quero esclarecer e não agradar”.*

Aureliano Chaves praticou isso durante todo o tempo, onde estivesse, sem se deixar levar pelos elogios. Até o final da vida, exercitou elevado e indestrutível espírito público, como atestam seus amigos de últimos dias, que com ele debatiam os mais graves problemas nacionais. E tantos já testemunharam isso aqui hoje.

Mesmo tendo atuado politicamente nos momentos mais críticos para a democracia, ou até mesmo por isso, Aureliano dizia que, *“acima dos interesses partidários está o bem público”.* Ainda nesse período obscuro da vida democrática Aureliano Chaves saudou o papel da imprensa livre dizendo: *“Cabe à mídia, e não a quem governa, a tarefa de avaliar a ação do Governo”.*

Aureliano Chaves viu-se avaliado durante toda a sua carreira como homem público, como Deputado Estadual, Secretário de Estado, Líder do Governo na Assembléia Legislativa, Ministro de Estado e Vice-Presidente da República, com longos períodos de exercício na Presidência da República.

Sras. e Srs. Parlamentares, hoje estamos nesta Casa para prestar justa homenagem a quem em vida nunca buscou glórias, mas sempre se dedicou a servir ao próximo com inteligência. Como disse, *“a vida pública só vale na medida em que ela, depois de exercida, permite-nos, primeiro, olhar a nossa família sem abaixar a cabeça; segundo, olhar os nossos eleitores*

dentro de seus olhos; terceiro, ler o nosso passado e vê-lo sem ter vergonha do nosso presente”.

Agora, quando lembramos de sua pessoa, podemos atestar que Aureliano Chaves fez tudo isso com dignidade, servindo-nos de exemplo. Mostrar-nos como é digna a vida de um homem que se fez público para o bem do País foi sua última tarefa.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (José Sarney) – Ao encerrar esta sessão, agradeço a todos o pronto atendimento ao convite do Senado Federal e da Câmara dos Deputados para estarmos juntos nesta homenagem a Aureliano Chaves. Agradeço ao filho, às filhas, à nora, aos netos, parentes e amigos de Aureliano a presença nesta homenagem, nesta oportunidade que mostra quão estimado era S. Exa.

O destino me fez provar um dos momentos mais difíceis de Presidente desta Casa. Foi quando tive que conter – já não digo a emoção – a comoção e comunicar à Casa o falecimento de Aureliano Chaves, um dos homens mais íntegros, mais bem compostos, mais patriotas, mais nacionalistas, mais dedicados à causa pública, mais competentes, mais honestos que já exerceram a vida pública neste País.

Ele foi um dos grandes políticos contemporâneos. Era da estirpe dos grandes homens que Minas Gerais deu ao Brasil, da estirpe de João Pinheiro, Milton Campos, Juscelino Kubitschek, Pedro Aleixo, Gustavo Capanema, Afonso Arinos, Magalhães Pinto e do inolvidável Tancredo Neves, entre tantos que fizeram o talento e o serviço à Pátria prestados pela terra de Tiradentes.

Homem de grande coragem pessoal e, mais ainda, cívica, qualidade que era parte de sua personalidade. Com ela marcou um dos maiores momentos da história recente do Brasil, quando teve a decisão de apoiar seu adversário, Tancredo Neves, comandando com bravura e muita clareza, sem tergiversação, a

formação das forças que possibilitaram a transição democrática.

Dele foi a iniciativa e a decisão irrevogável de indicar-me para Vice-Presidente da República. Ao meu lado, ajudou-me no Governo, não só no Ministério de Minas e Energia, mas sobretudo com a assistência do amigo e conselheiro.

Portanto, nesta sessão, uma vez mais rendo à sua memória a saudade que não passa. Saudade pelo Brasil, por Minas, pelo povo brasileiro.

Poucos homens construíram a sua vida de cidadão, exemplar chefe de família, aqui tão ressaltado, no amor a D. Vivi, um político de idéias, ético, leal e extraordinária figura humana.

Com sua morte, o Brasil ficou menor e Minas perdeu uma das referências maiores de sua contribuição à vida pública brasileira.

Associo-me a sua família, como se fosse parte dela, para juntar-me na lembrança, nessa homenagem de reverência à memória de Aureliano Chaves.

Seu companheiro, a ele devo a gratidão eterna do seu convívio, da amizade e da oportunidade que nos deu, a mim e a todos que com ele convivemos, de juntos trabalharmos pelo povo brasileiro.

Este é o sentimento da Câmara e do Senado, de todos os oradores que aqui falaram e exaltaram a figura de Aureliano Chaves, o sentimento do Congresso Nacional e o sentimento do povo brasileiro.

Agora, Aureliano, sem dúvida, liberta-se da condição humana e da política. As flores já murcharam sobre seu túmulo: ele agora é pedra, pedra da Pátria, guardada para sempre na História do Brasil.

O SR. PRESIDENTE (José Sarney) – Está encerrada a sessão.

(Encerra-se a sessão às 13 horas e 32 minutos.)

Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização *

Número de membros: 22 Senadores e 64 Deputados

Comissão instalada em 23-4-2003

Composição

Presidente: Senador Gilberto Mestrinho-PMDB-AM

1º Vice-Presidente: Deputado Pauderney Avelino – PFL - AM

2º Vice-Presidente: Senador João Ribeiro – PFL - TO

3º Vice-Presidente: Deputado Antônio Carlos Mendes Thame – PSDB-SP

Relator da LDO: Deputado Paulo Bernardo

Relator-Geral do Orçamento para o ano de 2004:

SENADORES	
Titulares	Suplentes
BLOCO (PT-PSB-PTB-PL)	
Heloísa Helena	1. Ana Júlia Carepa
Roberto Saturnino	2. Delcídio Amaral
Delcídio Amaral (2) ⁽¹³⁾	3. Eduardo Suplicy
Serys Slhessarenko	4. Sibá Machado
Magno Malta	5. Marcelo Crivella
Geraldo Mesquita Júnior	6. Aelton Freitas ⁽²⁾
Duciomar Costa	7. Fernando Bezerra
PMDB	
Gilberto Mestrinho	1. José Maranhão
Luiz Otávio	2. Valdir Raupp
Garibaldi Alves Filho	3. Amir Lando ⁽⁶⁾
Sérgio Cabral	4. Romero Jucá ⁽¹²⁾
Hélio Costa	5. (vago)
PFL	
Leomar Quintanilha	1. José Jorge
Jonas Pinheiro	2. Romeu Tuma
João Ribeiro	3. Heráclito Fortes
Efraim Moraes	4. Roseana Sarney
César Borges	5. Paulo Octávio
PSDB	
Reginaldo Duarte ⁽¹⁴⁾	1. Antero Paes de Barros
Lúcia Vânia	2. Leonel Pavan
Sérgio Guerra	3. Teotônio Vilela ⁽¹⁵⁾
PDT	
Álvaro Dias	1. Augusto Botelho
PPS ^(*)	
Mozarildo Cavalcanti	1. João Batista Motta

* Designação feita em 14-4-2003 (SF)

⁽¹³⁾ Substituição do Sen. Papaléo Paes pelo Senador Delcídio Amaral (T), em 22-5-2003 – Bloco (PT-PSB-PTB-PL) – SF.

⁽²⁾ Substituição do Sen. Tião Viana pelo Sen. Papaléo Paes(T) e indicação do Sen. Aelton Freitas(s) em 23-4-2003-PT-SF.

⁽⁶⁾ Indicação do Sen. Amir Lando(S), feita em 5-5-2003. PMDB-SF.

⁽¹²⁾ Indicação do Senador Romero Jucá(S), feita em 21-5-2003 - PMDB-SF.

⁽¹⁴⁾ Substituição do Sen. Romero Jucá pelo Sen. Reginaldo Duarte(T), em 23-5-2003-PSDB-SF.

⁽¹⁵⁾ Indicação do Sen. Teotônio Vilela(S), em 23-5-2003-PSDB-SF.

^(*) Rodízio nos termos da Resolução nº 2, de 2000-CN.

DEPUTADOS	
Titulares	Suplentes
PT	
Ary Vanazzi-RS	1. Eduardo Valverde-RO
Carlito Merss-SC	2. José Pimentel-CE
Dr. Rosinha-PR	3. Leonardo Monteiro-MG
Gilmar Machado-MG	4. Arlindo Chinaglia-PT(7)
João Grandão-MS	5. Paulo Rubem Santiago-PE
João Magno-MG	6. Devanir Ribeiro-SP ⁽⁷⁾
Jorge Bittar-RJ	7. Tarcisio Zimmermann-RS
Paulo Bernardo-PR	8. Telma de Souza-SP
Vignatti-SC	9. Walter Pinheiro-BA
Virgílio Guimarães-MG	10. Zezéu Ribeiro-BA
Wasny de Roure-DF	11. Vander Loubet-MS (7)
PFL	
Carlos Melles-MG	1. Carlos Nader-RJ
Claudio Cajado-BA	2. Cleuber Carneiro-MG
Eduardo Sciarra-PR	3. Gervásio Silva-SC
Gilberto Kassab-SP	4. Kátia Abreu-TO
José Rocha-BA	5. Laura Carneiro-RJ
Lael Varella-MG	6. Luiz Carreira-BA
Júlio César--PJ ⁽¹⁰⁾	7. Marcos Abraão-SP
Machado-SE	8. Robson Tuma-SP
Osvaldo Coelho-PE	9. Rogério Teófilo-AL
Pauderney Avelino-AM	10. (vago)
PMDB	
José Borba-PR	1. André Luiz-RJ
Pedro Chaves-GO ⁽¹⁷⁾	2. Darcísio Perondi-RS
José Priante-PA	3. João Correia-AC
Mauro Lopes-MG	4. Jorge Alberto-SE
Olavo Calheiro-AL	5. Marcelino Fraga-ES
Pedro Novais-MA	6. Paulo Afonso-SC ⁽¹⁾
Zé Gerardo-CE	7. Silas Brasileiro-MG ⁽¹¹⁾
Moreira Franco-RJ(1)	8. (vago)
(vago)	9. (vago)

⁽⁷⁾ Indicação do Dep. Vander Loubet(S) em vaga, substituição dos Deps. Nelson Pellegrino(S) e Professor Luizinho(S) pelos Deps. Arlindo Chinaglia e Devanir Ribeiro, feitas em 6-5-2003-PT-CD.

⁽¹⁰⁾ Substituição do Dep. Luciano Castro (T) pelo Dep. Júlio César (T), em 14-5-2003-PFL-CD.

⁽¹⁷⁾ Substituição do Dep. José Chaves pelo Dep. Pedro Chaves(T), em 29-5-2003-PMDB-CD.

⁽¹⁾ Indicações feitas em 22-4-2003-PMDB-CD.

⁽¹¹⁾ Indicação do Dep. Silas Brasileiro(S), feita em 21-5-2003 - PMDB-CD.

DEPUTADOS	
Titulares	Suplentes
PSDB	
Anivaldo Vale-PA	1. Alberto Goldman-SP
Antonio Carlos Mendes Thame-SP	2. Eduardo Gomes-TO
Arnon Bezerra-CE	3. João Almeida-BA
Rose de Freitas-ES ⁽¹⁹⁾	4. João Castelo-MA
Helenildo Ribeiro-AL	5. Jovair Arantes-GO
Narcio Rodrigues-MG	6. Ronaldo Dimas-TO ⁽⁸⁾ ⁽⁹⁾
Professora Raquel Teixeira-GO	7. Paulo Kobayashi-SP
Rafael Guerra-MG	8. vago(19)
PPB	
Herculano Anghinetti-MG	1. Francisco Dornelles-RJ(5)
Márcio Reinaldo Moreira-MG	2. Dr. Benedito Dias-AP
Nelson Meurer-PR	3. João Pizzolatti-SC
Ricardo Barros-PR	4. Mário Negromonte-BA
Roberto Balestra-GO	5. Eduardo Cunha-RJ ⁽⁵⁾
PTB	
Eduardo Seabra-AP	1. Alex Canziani-PR
Elaine Costa-RJ	2. Homero Barreto-TO
Félix Mendonça-BA	3. Josué Bengtson-PA
José Carlos Elias-ES	4. Neuton Lima-SP
Benedito de Lira-AL-PPB ⁽³⁾ ⁽⁴⁾	5. Pedro Fernandes-MA

⁽¹⁹⁾ Substituição do Dep Dr. Heleno pela Dep. Rose de Freitas(T), deixando a mesma de ser suplente, em 10-6-2003-PSDB-CD.

⁽⁸⁾ Desligamento do Dep. Osmânio Pereira(S), feita em 7-5-2003 – PSDB-CD.

⁽⁹⁾ Indicação do Dep. Ronaldo Dimas(S), feita em 8-5-2003 – PSDB-CD.

⁽⁵⁾ Substituições dos Deps. Cleonânio Fonseca (S) e Narciso Mendes(S) pelos Deps. Francisco Dornelles e Eduardo Cunha, em 24-4-2003-PPB-CD.

⁽³⁾ Desligamento do Dep. Benedito de Lira feito em 23-4-2003 – PTB-CD.

⁽⁴⁾ Indicação feita em 24-4-2003-PTB-CD.

DEPUTADOS	
Titulares	Suplentes
PL	
Humberto Michiles-AM	1. Almir Moura-RJ
João Leão-BA	2. Heleno Silva-SE
Milton Monti-SP	3. Sandro Mabel-GO
Wellington Roberto-PB	4. Welinton Fagundes-MT
PSB	
Dr. Evilásio-SP	1. Gonzaga Patriota (16)
Gilberto Nascimento-SP	2. Jefferson Campos ⁽¹⁶⁾
Renato Casagrande-ES	3. (vago)
Edson Ezequiel-RJ (vaga do PCdoB)	
PPS	
Cezar Silvestri-PR	1. Agnaldo Muiz-RO
Geraldo Resende-MS	2. Athos Avelino-MG
PDT	
Dr. Hélio-SP	1. André Zacharow-PR
Mário Heringer-MG	2. Manato-ES
PC do B	
Sérgio Miranda-MG	1. Leonardo Vilela-PPB-GO ⁽¹⁸⁾
(VAGA OCUPADA)	2. (vago)
PRONA	
Elimar Máximo Damasceno-SP	1. Ildeu Araujo-SP
PV	
Leonardo Mattos-MG	1. Edson Duarte-BA
PMN ^(*)	
Jackson Barreto-SE	1. Lúcia Braga-PB

Secretária: Myrna Lopes Pereira

Endereço: Câmara dos Deputados – Anexo Luís Eduardo Magalhães - (Anexo II)
Ala “C” – Sala 8 – Térreo – CEP – 70160-900 - Tel: 318-6937 – 318-6938

⁽¹⁶⁾ Indicação dos Deps. Gonzaga Patriota e Jefferson A. Campos(S), em 26-5-2003-PSB-CD.

⁽¹⁸⁾ Indicação do Dep. Leonardo Vilela(S), em 5-6-2003-PcdoB-CD.

^(*) Rodízio nos termos da Resolução nº 2, de 2000-CN.

CONGRESSO NACIONAL
CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

(Lei nº 8.389, de 30 de dezembro de 1991)
(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato da Mesa nº 2, de 2002)

COMPOSIÇÃO

Presidente: JOSÉ PAULO CAVALCANTI FILHO¹

Vice-Presidente: JAYME SIROTSKY

1ª Eleição Geral: Sessão do Congresso Nacional de 5.6.2002

LEI Nº 8.389/91, ART. 4º	TITULARES	SUPLENTE
Representante das empresas de rádio (inciso I)	PAULO MACHADO DE CARVALHO NETO	EMANUEL SORAES CARNEIRO
Representante das empresas de televisão (inciso II)	ROBERTO WAGNER MONTEIRO	FLÁVIO DE CASTRO MARTINEZ
Representante de empresas da imprensa escrita (inciso III)	PAULO CABRAL DE ARAÚJO	CARLOS ROBERTO BERLINCK
Engenheiro com notório conhecimento na área de comunicação social (inciso IV)	FERNANDO BITTENCOURT	MIGUEL CIPOLLA JR.
Representante da categoria profissional dos jornalistas (inciso V)	DANIEL KOSLOWSKY HERZ	FREDERICO BARBOSA GHEDINI
Representante da categoria profissional dos radialistas (inciso VI)	FRANCISCO PEREIRA DA SILVA	ORLANDO JOSÉ FERREIRA GUILHON
Representante da categoria profissional dos artistas (inciso VII)	BERENICE ISABEL MENDES BEZERRA	STEPAN NERCESSIAN
Representante das categorias profissionais de cinema e vídeo (inciso VIII)	GERALDO PEREIRA DOS SANTOS	ANTÔNIO FERREIRA DE SOUSA FILHO
Representante da sociedade civil (inciso IX)	JOSÉ PAULO CAVALCANTI FILHO	MANUEL ALCEU AFFONSO FERREIRA
Representante da sociedade civil (inciso IX)	ALBERTO DINES	ANTÔNIO DE PÁDUA TELES DE CARVALHO
Representante da sociedade civil (inciso IX)	JAYME SIROTSKY	JORGE DA CUNHA LIMA
Representante da sociedade civil (inciso IX)	CARLOS CHAGAS	REGINA DALVA FESTA
Representante da sociedade civil (inciso IX)	RICARDO MORETZSOHN	ASSUNÇÃO HERNANDES MORAES DE ANDRADE

Composição atualizada em maio de 2003

Nota:

¹ Presidente e Vice-Presidente eleitos na 1ª Reunião do Conselho, realizada em 25.6.2002.

SECRETARIA-GERAL DA MESA DO SENADO FEDERAL
Subsecretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SSCOP)
Telefones: (61) 311-4561 e (61) 311-4552
sscop@senado.gov.br
www.senado.gov.br/ccs

CONGRESSO NACIONAL

CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

(Lei nº 8.389, de 30 de dezembro de 1991)

(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato da Mesa nº 2, de 2002)

COMISSÕES DE TRABALHO

01 - Comissão de Regionalização da Programação

(constituída na Reunião de 26/06/2002)

- Paulo Machado de Carvalho Neto (Representante das empresas de rádio)
- Roberto Wagner Monteiro (Representante das empresas de televisão)
- Berenice Isabel Mendes Bezerra (Representante da categoria profissional dos artistas)
- Francisco Pereira da Silva (Representante da categoria profissional dos radialistas)

02 - Comissão de Tecnologia Digital

(constituída na Reunião de 26/06/2002, para atender à Consulta nº 1, de 2002-CCS, formulada pela Presidência do Senado Federal ao Conselho de Comunicação Social)

- Daniel Koslowsky Herz (Representante da categoria profissional dos jornalistas) – Coordenador
- Fernando Bittencourt (Engenheiro com notório conhecimento na área de comunicação social)
- Geraldo Pereira dos Santos (Representante das categorias profissionais de cinema e vídeo)
- Roberto Wagner Monteiro (Representante das empresas de televisão) – desde 14/10/2002
- Paulo Machado de Carvalho Neto (Representante das empresas de rádio) – desde 14/10/2002
- Berenice Isabel Mendes Bezerra (Representante da categoria profissional dos artistas) – desde 14/10/2002

03 - Comissão de Radiodifusão Comunitária

(constituída na Reunião de 02/09/2002)

- Regina Dalva Festa (Representante da sociedade civil) – Coordenadora
- Paulo Machado de Carvalho Neto (Representante das empresas de rádio)
- Roberto Wagner Monteiro (Representante das empresas de televisão)
- Francisco Pereira da Silva (Representante da categoria profissional dos radialistas)
- Daniel Koslowsky Herz (Representante da categoria profissional dos jornalistas)
- Fernando Bittencourt (Engenheiro com notório conhecimento na área de comunicação social)

04 - Comissão de TV a Cabo

(constituída na Reunião de 17/03/2003, para emissão de parecer sobre o Projeto de Lei do Senado nº 175/2001, e mantida para atender à proposta do Parecer nº 2/2003-CCS, aprovado na Reunião de 07/04/2003, no sentido da realização de análise da situação da TV a Cabo no Brasil e apresentação de medidas e iniciativas com vista à solução dos problemas enfrentados pelo setor)

- Daniel Koslowsky Herz (Representante da categoria profissional dos jornalistas) – Coordenador
- Paulo Machado de Carvalho Neto (Representante das empresas de rádio)
- Roberto Wagner Monteiro (Representante das empresas de televisão)
- Berenice Isabel Mendes Bezerra (Representante da categoria profissional dos artistas)
- Carlos Chagas (Representante da sociedade civil)

05 - Comissão de Concentração na Mídia

(constituída na Reunião de 07/04/2003, para análise da concentração e controle cumulativo nas empresas de comunicação social em pequenas e médias cidades brasileiras)

- Carlos Chagas (Representante da sociedade civil) – Coordenador
- Paulo Machado de Carvalho Neto (Representante das empresas de rádio)
- Roberto Wagner Monteiro (Representante das empresas de televisão)
- Geraldo Pereira dos Santos (Representante das categorias profissionais de cinema e vídeo)
- Alberto Dines (Representante da sociedade civil)
- Ricardo Moretzsohn (Representante da sociedade civil)

SECRETARIA-GERAL DA MESA DO SENADO FEDERAL
Subsecretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SSCOP)

Telefones: (61) 311-4561 e (61) 311-4552

sscop@senado.gov.br

www.senado.gov.br/ccs

COMISSÃO PARLAMENTAR CONJUNTA DO MERCOSUL

Representação Brasileira

COMPOSIÇÃO

16 Titulares (8 Senadores e 8 Deputados) e 16 Suplentes (8 Senadores e 8 Deputados)

Mesa Diretora eleita em 28.05.2003

Presidente: Deputado DR. ROSINHA	Vice-Presidente: Senador PEDRO SIMON
Secretário-Geral: Senador RODOLPHO TOURINHO	Secretário-Geral Adjunto: Deputado ROBERTO JEFFERSON

MEMBROS NATOS ⁽¹⁾	
Senador EDUARDO SUPLICY Presidente da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional do Senado Federal	Deputada ZULAIÊ COBRA Presidente da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional da Câmara dos Deputados

SENADORES

TITULARES	SUPLENTES
BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT – PTB – PSB – PL) ⁽²⁾	
IDELI SALVATTI (PT/SC)	1. MARCELO CRIVELLA (PL/RJ)
SÉRGIO ZAMBIASI (PTB/RS)	2. ANTONIO CARLOS VALADARES (PSB/SE)
PMDB	
PEDRO SIMON (PMDB/RS)	1. LUIZ OTÁVIO (PMDB/PA)
ROMERO JUCÁ (PMDB/RR)	2. SÉRGIO CABRAL (PMDB/RJ)
PFL ⁽³⁾	
JORGE BORNHAUSEN (PFL/SC)	1. JOSÉ JORGE (PFL/PE)
RODOLPHO TOURINHO (PFL/BA)	2. ROMEU TUMA (PFL/SP)
PSDB ⁽³⁾	
EDUARDO AZEREDO (PSDB/MG)	1. LEONEL PAVAN (PSDB/SC)
PDT	
OSMAR DIAS (PDT/PR)	JEFFERSON PÉRES (PDT/AM)
PPS ⁽⁴⁾	
MOZARILDO CAVALCANTI (PPS/RR)	1. JOÃO BATISTA MOTTA (PPS/ES)

Notas:

⁽¹⁾ Membros natos, nos termos do parágrafo único do art. 1º da Resolução 1/1996-CN.

⁽²⁾ O **Bloco de Apoio ao Governo** foi constituído, no Senado Federal, em 01.02.2003 (DSF de 02.02.2003, pg. 00338).

⁽³⁾ Partido pertencente à **Liderança Parlamentar da Minoria** (PFL/PSDB), no Senado Federal, constituído em 29.04.2003 (DSF de 30.04.2003, pg. 09125).

⁽⁴⁾ vaga decorrente da aplicação da Resolução nº 2, de 2000-CN.

DEPUTADOS

TITULARES	SUPLENTES
PT	
DR. ROSINHA (PT/PR)	1. PAULO DELGADO (PT/MG)
PFL	
GERVÁSIO SILVA (PFL/SC)	1. PAULO BAUER (PFL/SC)
PMDB	
OSMAR SERRAGLIO (PMDB/PR)	1. EDISON ANDRINO (PMDB/SC)
PSDB	
FEU ROSA (PSDB/ES)	1. JULIO REDECKER (PSDB/RS)
PPB	
LEODEGAR TISCOSKI (PPB/SC)	1. CELSO RUSSOMANO (PPB/SP)
PTB	
ROBERTO JEFFERSON (PTB/RJ)	1. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB/SP)
PL	
WELINTON FAGUNDES (PL/MT)	1. NEUCIMAR FRAGA (PL/ES)
PSB	
INÁCIO ARRUDA (PCdoB/CE)	1. EDSON EZEQUIEL (PSB/RJ)
PPS ⁽¹⁾	
JOÃO HERRMANN NETO (PPS/SP)	1. CLÁUDIO MAGRÃO (PPS/SP)

Nota:

⁽¹⁾ vaga decorrente da aplicação da Resolução nº 2, de 2000-CN.

Secretaria: Câmara dos Deputados - Anexo II - Sala T/24 – 70160-900 Brasília – DF / Brasil

Telefone: (55) (61) 318-8232 Fax: (55) (61) 318-2154

cpcm@camara.gov.br

www.camara.gov.br/mercosul

CONGRESSO NACIONAL
COMISSÃO MISTA DE CONTROLE DAS ATIVIDADES DE INTELIGÊNCIA (CCAI)
(Art. 6º da Lei nº 9.883, de 1999)

COMPOSIÇÃO

Presidente: Senador EDUARDO SUPPLY ¹

CÂMARA DOS DEPUTADOS	SENADO FEDERAL
<u>LÍDER DA MAIORIA</u> Deputado NELSON PELLEGRINO (PT-BA)	<u>LÍDER DA MAIORIA</u> <i>(aguardando definição)</i>
<u>LÍDER DA MINORIA</u> Deputado JOSÉ CARLOS ALELUIA (PFL-BA)	<u>LÍDER DA MINORIA</u> Senador EFRAIM MORAIS (PFL-PB) ³
<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL</u> Deputada ZULAIÊ COBRA (PSDB-SP)	<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL</u> Senador EDUARDO SUPPLY (PT ² -SP)

SECRETARIA-GERAL DA MESA DO SENADO FEDERAL
Subsecretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SSCOP)
Telefones: 311-4561 e 311-4552
sscop@senado.gov.br
www.senado.gov.br/ccai

Notas:

¹ Conforme alternância estabelecida na 1ª Reunião da Comissão, realizada em 15.8.2001 (Ata publicada no DSF de 22.08.2001, pg. 17595).

² Partido pertencente ao Bloco de Apoio ao Governo (PT/PTB/PSB/PL), no Senado Federal, constituído em 01.02.2003 (DSF de 02.02.2003, pg. 00338).

³ Partido pertencente à Liderança Parlamentar da Minoria (PFL/PSDB), no Senado Federal, constituída em 29.04.2003 (DSF de 30.04.2003, pg. 09125).



SENADO FEDERAL
Secretaria Especial de Editoração e Publicações
Subsecretaria de Edições Técnicas

Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988

Publicação com atualização permanente.
Contém o texto constitucional de 5 de
outubro de 1988 com as alterações
introduzidas pelas Emendas Constitucionais
de Revisão, de nºs 1 a 6, e demais emendas
constitucionais

Preço por exemplar: R\$ 5,00



Conheça nosso catálogo na Internet
www.senado.gov.br/web/seepcat/catalogo.cfm

Para adquirir essa ou outra publicação:

- 1 - Confirme o preço e disponibilidade pelo telefone **(061) 311-3575**;
- 2 - Efetue depósito, no valor total da compra, em nome de **FUNSEEP**, agência **3602-1**, do **Banco do Brasil**, Conta-corrente **170.500-8**, preenchendo o campo "depósito identificado (código dv)/finalidade" com o código **02000202902001-3** (obrigatório);
- 3 - Para sua segurança, mantenha cópia do comprovante do depósito;
- 4 - Encaminhe o formulário abaixo (se necessário, anexe lista das publicações desejadas), acompanhado do comprovante **ORIGINAL** do depósito, para:

Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal
Via N2 - Unidade de apoio III - Praça dos Três Poderes
70.165-900 - Brasília - DF

Nome:			
Endereço:			
Cidade:		CEP:	UF:
Publicação	Quantidade	Preço Unit. (R\$)	Preço Total (R\$)



SENADO FEDERAL
Secretaria Especial de Editoração e Publicações
Subsecretaria de Edições Técnicas

Conheça algumas de nossas publicações

Revista de Informação Legislativa – Publicação periódica, com circulação trimestral, atualmente em sua 141ª edição. Divulga trabalhos elaborados pela Subsecretaria de Edições Técnicas, além de artigos de colaboração. Os trabalhos reportam-se a assuntos da área do direito e ciências afins, de interesse dos temas em debate no Congresso Nacional ou que se relacionem ao Poder Legislativo. Cada edição compreende, em média, trinta artigos inéditos.



Exemplar avulso: R\$ 10,00

Edições anteriores: R\$ 10,00

Assinatura anual (4 edições): R\$ 40,00



Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988

Publicação com atualização permanente. Contém o texto constitucional de 5 de outubro de 1988 com as alterações introduzidas pelas Emendas Constitucionais de Revisão, de nºs 1 a 6, e demais emendas constitucionais.

Preço por exemplar: R\$ 5,00

Consulte nosso catálogo na Internet: www.senado.gov.br/web/seepcat/catalogo.cfm

Para adquirir uma ou mais publicações:

- 1 - Confirme o preço e disponibilidade pelo telefone **(061) 311-3575**;
- 2 - Efetue depósito, no valor total da compra, em nome de **FUNSEEP**, agência **3602-1**, do **Banco do Brasil**, Conta-corrente **170.500-8**, preenchendo o campo "depósito identificado (código dv)/finalidade" com o código **02000202902001-3** (obrigatório);
- 3 - Para sua segurança, mantenha cópia do comprovante do depósito;
- 4 - Encaminhe o formulário abaixo (se necessário, anexe lista das publicações desejadas), acompanhado do comprovante **ORIGINAL** do depósito, para:

Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal
Via N2 - Unidade de apoio III - Praça dos Três Poderes
70.165-900 - Brasília - DF

Nome:

Endereço:

Cidade:

CEP:

UF:

Publicação	Quantidade	Preço Unit. (R\$)	Preço Total (R\$)

PREÇO DE ASSINATURA SEMESTRAL

Assinatura DCD ou DSF s/o porte	R\$ 31,00
Porte de Correio	R\$ 96,0
Assinatura DCD ou DSF c/o porte (cada)	R\$ 127,60
Valor do número avulso	R\$ 0,30
Porte avulso	R\$ 0,80

PREÇO DE ASSINATURA ANUAL

Assinatura DCD ou DSF s/o porte	R\$ 62,00
Porte de Correio	R\$ 193,20
Assinatura DCD ou DSF c/o porte (cada)	R\$ 255,20
Valor do número avulso	R\$ 0,30
Porte avulso	R\$ 0,80

ug = 020002
gestão = 02902

Os pedidos deverão ser acompanhados de Nota de Empenho. Ordem de Pagamento pelo Banco do Brasil, Agência 3602-1, conta n° 170500-8, ou recibo de depósito via FAX (0xx61) 224-5450, a favor do FUNSEEP, indicando a assinatura pretendida, conforme tabela de códigos identificadores abaixo discriminados:

02000202902001-3 – Subsecretaria de Edições Técnicas
02000202902002-1 – Assinaturas de Diários
02000202902003-X -- Venda de Editais
02000202902004-8 – Orçamento/Cobrança
02000202902005-6 – Venda de Aparas de Papel
02000202902006-4 – Alienação de Bens (leilão)
02000202902007-2 – Secretaria Especial de Editoração e Publicações

SECRETARIA ESPECIAL DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES
PRAÇA DOS TRÊS PODERES S/Nº - BRASÍLIA – DF – CEP 70165-900
CGC 00.530.279/0005-49

Obs.: Não será recebido cheque via carta para efetivar assinaturas dos DCN

Maiores informações pelos telefones (0xx61) 311-3812 e (0xx61) 311-3803. Serviço de Administração Econômica-Financeira/Controle de Assinaturas, com José Leite, Ivanir Duarte Mourão ou Solange Viana Cavalcante.



EDIÇÃO DE HOJE: 40 PÁGINAS